



SENADO
FEDERAL

HISTÓRIA
DA CONQUISTA
DA PARAÍBA

Anônimo

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 73

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

P*aisagens brasileiras*, este livro é uma compilação de artigos do renomado autor Visconde de Taunay, escritos para diversos jornais da sua época, que versam sobre viagens e comentários variados. Coligidos por Afonso E. Taunay, os artigos não só apresentam elementos de curiosidade cultural, mas também servem para compreender a personalidade de um homem que deixou marcada a cultura brasileira, seja pelo seu romance *Inocência*, seja por sua produção sobre a História do Brasil, como é o caso do livro *A retirada da Laguna*. Aqui, o escritor observa vários recantos do Brasil, desde os campos de Curitiba, a gruta de Tapiruçú, o salto do Visconde do Rio Branco até sua excursão pelo rio Iguaçu. Na segunda parte do livro, inédita em periódicos, o autor faz digressões sobre a costa meridional brasileira, as opiniões de D. Pedro II, episódios eleitorais e muitas outras viagens, paragens e observações políticas. É um volume para quem quer completar o conhecimento sobre a obra do autor. Contém trechos do diário íntimo, conforme assinalou Afonso E. Taunay. “Foram traçadas a uma época em que ativamente colaborava no Comércio de S. Paulo, no *Imparcial*, jornais de S. Paulo, e na *Gazeta de Notícias*, *Notícia* e *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro.”

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

T*rinta anos na Paraíba, memórias corográficas e outras memórias*, esta obra, de L. F. R. Clerot, refere-se à riqueza paleontológica da Paraíba e alerta para a falta de cuidado com esses vestígios de nossa pré-história. Revela que esqueletos quase completos de espécies extintas foram encontrados em dois municípios, na Caatinga litorânea da Paraíba e em outros pontos do estado. O autor era engenheiro, geógrafo, folclorista e professor universitário.

P*opulações Meridionais do Brasil*, na Apresentação de José Sarney a este livro já clássico na historiografia nacional, é assinado: "... é o próprio estudioso que, neste livro afirma que escreveu estes ensaios como contribuição e no 'intuito de trazer aos responsáveis pela direção do país para o conhecimento objetivo do nosso povo'." Trata-se da primeira obra de Oliveira Viana, publicada em 1920, quando o autor completara 37 anos. Contrariando o enfoque tradicional entre os sociólogos e historiadores da época, que consideravam que o povo brasileiro constituía uma massa homogênea, o autor defendia a tese de que a nação brasileira era constituída de três sociedades diferentes: a dos sertões (o sertanejo), a das matas (o matuto) e a dos pampas (o gaúcho). Obra fundamental para o conhecimento do pensamento sociológico e historiográfico em nosso país.



Reprodução de gravura inserta no livro *O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau*, de Gaspar Barléu

.....

HISTÓRIA DA
CONQUISTA DA PARAÍBA



Mesa Diretora

Biênio 2009/2010

Senador José Sarney
Presidente

Senador Marconi Perillo
1º Vice-Presidente

Senadora Serys Slhessarenko
2º Vice-Presidente

Senador Heráclito Fortes
1º Secretário

Senador João Vicente Claudino
2º Secretário

Senador Mão Santa
3º Secretário

Senadora Patrícia Saboya
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador César Borges
Senador Cícero Lucena

Senador Adelmir Santana
Senador Gerson Camata

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 73

HISTÓRIA DA CONQUISTA DA PARAÍBA

Anônimo



Brasília – 2010

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 73

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2010

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho](http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho)

Todos os direitos reservados

.....

História da conquista da Paraíba. – 2ª reimpressão. Brasília :
Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

120 p. – (Edições do Senado Federal ; v. 73)

1. Paraíba, história. 2. Paraíba, descrição. I. Série.

CDD 981.33

.....

.....

Sumário

APRESENTAÇÃO

Senador Efraim Morais

pág. 11

MÉMOIAS HISTÓRICAS E GEOGRÁFICAS SOBRE O BRASIL

pág. 15

CAPÍTULO I

Idéia particular destas partes e geral do Brasil

pág. 21

CAPÍTULO II

Da ida do Dr. Fernão da Silva à Paraíba,
e do governador Luís de Brito d'Almeida

pág. 31

CAPÍTULO III

Como Frutuoso Barbosa foi encarregado da Paraíba

pág. 33

CAPÍTULO IV

Como, chegando Diogo Flores à Bahia, se ordenou vir ao Paraíba

pág. 37

CAPÍTULO V

Salto do capitão Simão Falcão, e saída dos nossos

pág. 41

CAPÍTULO VI

Do primeiro socorro que, por diligência e indústria
do ouvidor-geral, se mandou à Paraíba

pág. 43

CAPÍTULO VII

O segundo socorro que se mandou ao Paraíba,
e destruição das naus francesas

pág. 47

CAPÍTULO VIII

Em como o ouvidor-geral Martim Leitão foi ao Paraíba a primeira vez

pág. 49

CAPÍTULO IX

Da ordem da jornada, e do primeiro rompimento, e cerca tomada

pág. 53

CAPÍTULO X

Como se tentaram as pazes com o Braço-de-Peixe,
que não houveram efeito

pág. 57

CAPÍTULO XI

Como foi desbaratado o pico do Braço-de-Peixe

pág. 59

CAPÍTULO XII

Como João Pais foi à baía da Traição

pág. 63

CAPÍTULO XIII

Como o capitão Castrejón fugiu, e largou o forte,
e o ouvidor-geral o prendeu,
e agasalhou os soldados
pág. 67

CAPÍTULO XIV

Novas do Braço-de-Peixe,
e princípio das amizades
pág. 71

CAPÍTULO XV

A segunda jornada do ouvidor-geral,
e como se fez o primeiro forte
pág. 73

CAPÍTULO XVI

Como o ouvidor-geral foi à baía da Traição
pág. 77

CAPÍTULO XVII

De como chegamos à baía da Traição,
e passo de noite milagroso
pág. 81

CAPÍTULO XVIII

Como deram nos imigos
pág. 85

CAPÍTULO XIX

Partida da baía da Traição para o Tujucupapo
pág. 87

CAPÍTULO XX

A vinda do capitão Morales do reino;
e como se aviou o ouvidor-geral para ir por mar
pág. 91

CAPÍTULO XXI

Como o ouvidor-geral partiu do Paraíba para o Copaoba
pág. 95

CAPÍTULO XXII

Como destruída a Copaoba, foram ao Tujucupapo,
onde tiveram a mor briga de todas
pág. 101

CAPÍTULO XXIII

Da vinda, e tomada do ouvidor-geral, e dos nossos da Copaoba
pág. 109

CAPÍTULO FINAL

Como, despedida a gente, o ouvidor-geral fez o forte de S. Sebastião
pág. 113

ÍNDICE ONOMÁSTICO

pág. 119

.....

Apresentação

SENADOR EFRAIM MORAIS
Primeiro-Secretário do Senado Federal

U

M dos papéis fundamentais que as Edições do Senado Federal se impuseram desde o primeiro momento – e o tem cumprido fielmente ao longo de sua trajetória – é o de contribuir para o resgate da memória historiográfica nacional.

Já se disse que um país sem memória condena-se a repetir do passado não os seus acertos, mas os seus erros. Reincide por desinformação em velhos desvios, tornando-se refém de círculos viciosos que só o conhecimento permite superar.

Daí nosso propósito, como Casa legislativa mais que sesquicentenária, detentora de preciosíssimo acervo da história político-institucional brasileira, de dar nossa contribuição efetiva e objetiva à consolidação da memória nacional.

Dentro desse propósito, raridades bibliográficas – muitas desconhecidas até mesmo de especialistas – têm sido reeditadas, proporcionando ao público acesso a informações que favorecem o escl-

recimento de aspectos muitas vezes obscuros ou incompreendidos de nossa história.

É o caso deste Conquista da Paraíba. De autor anônimo (embora muitos historiadores indiquem o padre Simão Travaços [sic], S.J., nascido em Ferreiros, então Bispado de Braga, Portugal, ou o padre Jerônimo Machado, S.J., natural da Capitania de São Vicente, Brasil, como autores), é fruto de vivência e curiosa pesquisa.

Sabia-se que os jesuítas trocavam informações e alguns registravam as experiências vividas no campo da evangelização e também no registro de outros fatos não eclesiásticos, o que contribuiu sobremaneira para a pesquisa da nossa História.

Chamado por muitos de “a certidão de nascimento” da Paraíba, este volume é o primeiro registro mais consistente dos fatos que constituem a gênese da região. Nele, o autor não apenas relata sua vivência que presenciou, mas também o que apurou em investigações junto a fontes orais e escritas, além do que pesquisou em livros e documentos.

O volume inicialmente chamou-se Sumário das armadas que se fizerão, e guerras que se derão na conquista do rio Parahiba, escripto e feito por mandado do muito reverendo padre em Christo, o padre Christovão de Gouvêa, visitador da Companhia de Jesus de toda a provincia do Brasil. Esta edição baseou-se na levada a cabo por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, em 1848, em sua revista Íris, no Rio de Janeiro.

Maciel Pinheiro, ilustre paraibano de São João do Cariri, jornalista, historiador, autor de livros sobre o Linguajar Nordestino e A cidade do Rio de Janeiro no século XVI, foi quem forneceu a fotocópia das páginas do periódico Íris para a publicação efetuada no Triênio do Quarto Centenário da Fundação da Paraíba, pela Editora Universitária da Fundação Regional do Nordeste, de 1983, em que esta edição se baseia.

Com esta publicação, o Conselho Editorial do Senado Federal coloca ao alcance de historiadores, pesquisadores e demais interessados um livro fundamental para a reconstituição da grande História da Paraíba, estado de passado heróico que deu significativa contribuição para a formação de nossa nacionalidade.

Como homem público e paraibano, sinto-me honrado em estar propiciando a edição deste livro, que desde já passa a enriquecer o monumental acervo bibliográfico do Senado Federal.

.....
Memórias históricas e geográficas sobre o Brasil

N

UM IMPÉRIO *vastíssimo, porém nascente, cuja história se não perde na noite dos tempos, vergonha será se as gerações ilustradas não forem legando as pedras, com que os séculos levantam os monumentos. Esses materiais da grande história são escritos sobre a topografia das localidades, a narração dos sucessos e descobrimentos, a descrição dos homens e das cousas.*

Importantes trabalhos deste gênero existem inéditos. Pela mui louvável diligência de uma ilustre academia, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, muitas dessas memórias hão visto a luz pública; mas outras muitas enriquecem ainda, em exemplares únicos, vários depósitos de manuscritos, e os arquivos de muitos particulares.

Algumas possuímos, de singular valor para este império, pelas noções que encerram, já sobre pontos arqueológicos, geográficos, religiosos, científicos ou naturais. É nossa mente ir também progressivamente imprimindo esses preciosos inéditos, nas colunas deste repositório, acompanhando-os de algumas notas, todas as vezes que nelas virmos conveniência.

Hoje começamos a publicação de um livro curiosíssimo, sobre as primeiras guerras que os portugueses tiveram, na província da Paraíba do Norte, com os franceses, tapuias e pitiguares; onde aparecem, não só circunstanciadas relações locais, mas também de mais geral interesse: livro, que será um subsídio precioso para quem quiser completar, com a guerra holandesa, e sobretudo o Castrioto Lusitano, a história das nossas armas naquelas províncias.

Os que conhecem este livro, chamam-no de Cristóvão de Gouveia; mas é de autor incerto. Só se sabe ser de um jesuíta, testemunha presencial de muitos dos acontecimentos; que o escreveu, no reinado de Filipe de Castela, por fins do século XVI, sendo ouvissor-geral do Brasil o licenciado Martim Leitão.

Grandes e justas são as queixas que de muitas partes se têm levantado contra o abuso que muitos jesuítas hão feito da poderosa alavanca, criada pelo seu fundador; e não foi Portugal por certo o estado onde esse abuso se manifestou por atos menos escandalosos. Mas também, não é na América do Sul, testemunho vivo de seus esforços civilizadores, que é lícito esquecer os grandes serviços por aqueles homens prestados à humanidade. Outros o disseram: — São incontestáveis os melhoramentos que introduziram na educação, que entendiam de uma maneira completa, compreendida até a ginástica. — No ensino eram perfeitos, excetuando somente os estudos gregos. — No ministério sagrado, no púlpito, muitos se distinguiram. — Cultivaram todos os ramos de ciências e letras, enriquecendo alguns com as mais importantes publicações dos três últimos séculos. — Por meio das missões, derramaram nos povos a civilização da Europa, e na Europa luzes novas sobre a geografia, etnologia, lingüística e ciências acessórias.

Além dos elementos de uma organização robusta e sábia, distinguia-se a instituição dos jesuítas pela superioridade do método, e pela disciplina militar, que lhe inoculou o seu criador, o brilhante

pajem de Fernando Católico. Às práticas resultantes dessa disciplina e dessa obediência, são devidos importantíssimos trabalhos, e o livro que ora damos. É sabido que os provinciais tinham instruções para ordenar a todos os irmãos que (cada um de per si, para se poderem confrontar as narrações, o que dava maiores garantias de fidelidade) escrevessem em janeiro umas ânuas, isto é, umas efemérides, em forma de carta, de todos os acontecimentos do ano decorrido.^a

Semelhante a essa foi a origem desta obra, pois se escreveu em virtude do preceito da obediência, e por mandado do padre Cristóvão de Gouveia, a esse tempo Visitador da Companhia de Jesus, na província do Brasil.

Por motivos, que é inútil desenvolver, não respeitamos ortografia do velho original; o qual começa por 2 sonetos espanhóis ao ouvidor, que, apesar de sua insignificância, não supusemos dever arrancar da obra a que vem junto, e são do teor seguinte:

SONETO

Se del grande Griego la memoria,
De Cesar, Anibal, Hector troyano,
Alexandro, Scipion el Africano,
De Torquato no cuenta já su historia;

a Na nossa *Livraria Clássica*, Tom. XVI P. II, p. 98, falamos deste uso, e das notáveis cartas escritas aos jesuítas por *Fernão Mendes Pinto*, quando entrou para a ordem. É curioso ver esta prática dos jesuítas seguida, com proveito, pelo governo britânico, o que obriga os seus oficiais, de certa categoria, no fim das suas excursões, a apresentar, por escrito, circunstância, relatórios, descrevendo o que em suas viagens observaram, em arquitetura, escultura, inscrições, medalhas & c. das regiões onde acabavam de servir; o que tem produzido de infinidade de memórias.

Rebuia aquesta palma de victoria
Tan encumbrada neste lusitano,
Que dexa atrás todos; y el thebano
Sobrepuja en esfuerze, ardil i gloria.

Martín Leiton se nombra este excellente,
Que tanto ilustra aquesta noble tierra
Com su valor e ciencia tan sobrada.

Pues diolos Dios tan delicadamente,
Que a todos sobrepujan en paz y en guerra,
No embotando su pluma lança y espada.

OTRO

Quien es aquel que vence a Marte fiero,
Y á Palas a sus piés a derribado,
I de opimos despojos va cargado
Del indio Petiguar, feroz guerrero?

Quien es aqueste belico Y entero
Que el implacable pervio a domado,
Después de aver tres veces del triunfado
Pobló y hizo en mitad de su hemisfero!

– Dime, fama, quien es, pues se descubre
Todo quanto a ti pasa y divulgado
Covas por toda inota region?

– Verdad es que a mi nada se me encubre,
Mas sabe que este heroe que vas catado,
Su heroico nombre es Martín Leiton.

HISTÓRIA DA CONQUISTA DA PARAÍBA

SUMÁRIO das armadas que se fizeram, e guerras que se deram na conquista do rio Paraíba; escrito e feito por mandado do muito reverendo padre em Cristo, o padre Cristóvão de Gouveia, visitador da Companhia de Jesus, de toda a província do Brasil.

Antes de entrar na relação das guerras e armadas, que os reis deste reino mandaram dar e fazer contra o gentio Petiguar, senhor de mais de 400 léguas, por costa, deste rio de Paraíba, até o do Maranhão: que começaram no tempo de Luís de Brito d'Almeida, governador-geral deste estado do Brasil, e se acabaram no tempo do licenciado Martim Leitão, ouvidor-geral do mesmo estado, e que por mandado d'el-rei Filipe, nosso senhor, os conquistou, e povoou o rio Paraíba; – me pareceu fazer uma breve descrição dele, e do estado em que estavam as capitânicas de Pernambuco e Tamaracá, quando o doutor Martim Leitão entrou nelas; para mais facilidade, no discurso desta história, se entenderam muitas cousas; a qual é a seguinte:

.....
Capítulo I

IDÉIA PARTICULAR DESTAS PARTES E GERAL DO BRASIL.

O

RIO PARAÍBA¹ (que nas cartas de marear se chama S. Domingos) está em 6° da banda do sul;² corre por o rumo a que os mareantes chamam N. N. O., S. E.: a barra, à entrada, corre pelo N. E., S. S. O., até a Ponta do Cabedelo, que é já dentro.³ Tem de baixa-mar, no mais baixo, em um banco que faz de areia, 4 braças; e daí para dentro, pelo rio acima, tem 6 e 7. ⁴ A boca da abra, que o rio faz, terá de largo uma légua; e o canal que vai pelo meio (que é o que chamamos barra) tem ¼ de légua; e todo o mais, de uma parte e outra, é muito aparcelado.⁵ O fundo é de areia, muito limpo e sem nenhuma pedra; e assim é muito maior porto, e capaz de

1 De *para*, rio – e *íba*, água clara.

2 É a foz do Paraíba a 6° 35' lat, 37° 40' long.

3 Deste rio toma nome a província, por onde corre, de O. para E. N. E.

4 Nasce na serra Jabitacá, nos Cariris velhos: banha o Pilar, S. Miguel, S. Rita, e lança-se no oceano por duas bocas, formadas pela ilha de S. Bento.

5 Na barra nunca tem mais de 9 a 14 pés d'água; e a pouca distância só é navegável por sumacas.

maiores embarcações que o de Pernambuco e Tamaracá,⁶ dos quais dista, 22 lég. do de Pernambuco, e 17 do de Tamaracá, por costa, para a banda do N.; e os arrecifes, que correm ao largo de toda esta, quebram ali mais.

Pelo rio acima, uma légua, da banda do N. tem uma ilha formosa, de arvoredo, de uma légua de comprido, e 1/3 de largo, defronte da qual está o surgidouro ou porto das naus, capaz de grande quantidade delas, e abrigando de todos os ventos. Da parte do sul, faz o rio um formoso canal, pelo qual acima 2 léguas podem ir navios de cem tonéis; e outras 3 mais acima grandes caravelões, que é até onde chega a represa da maré. Da parte do norte, vai outro braço, que divide a ilha da terra firme; e nela, defronte da ponta da ilha, da parte de cima, onde o rio se começa a dividir e a nascer a ilha, se fez o primeiro forte, por ordem do general Diogo Flores de Valdez.⁷ Este rio, que torna depois, 7 ou 8 lég. ao S., tem uma várzea de mais de 14 do comprido; e de largo tem 2000 braças e 600 no mais estreito, toda retalhada de esteiros e rios caudais de água doce, que podem dar mais de 40 engenhos de açúcar, por toda a terra ser singular para cana; com o serviço de mar o de menos fabrico do Brasil, por ser rio morto, e (pelo menos de inverno) todo navegável, e de verão mais de 6, 7 lég. com caravelões, que também entram nos rios que neles se metem, que são muitos e proveitosos, por abundarem de muitos pescados e mariscos, com outras muitas terras para cana, mantimentos, pastos e lenhas; que só a dos mangues as dá infinitas.⁸

Pois as outras várzeas que há entre Pernambuco e a Paraíba, e fazem ao longo dos rios, que, entre estas duas capitanias mais pegadas ao Paraíba, entram no mar, não prometem menos proveito, antes muito grande. Falo, por várzeas; porque esta é somente a boa terra do Brasil; que os outeiros ou altos não dão cana, ao menos nestas capitanias do N.; e quando neles acerta a terra ser boa, dá mantimentos, mas não cana, que somente

6 Tamaracá ou Itamaracá é uma ilha, que o escritor tomava às vezes por continente, como por muito tempo se chamou rio de Santa Cruz ao canal que da terra firme a separa.

7 Tem ainda hoje dous fortes que lhe defendem a foz: o de Cabedelo da banda do S., e o forte velho, da banda do N.

8 Engrossa este rio com os tributos de vários ribeiros, que secam quando falta as chuvas; sendo o principal tributário o ribeirão Guaraú, que nele entra acima da cidade, e o Unhabi.

se dá nas várzeas; que é a terra baixa, ao longo dos rios, ou de grandes alagadios, que no Brasil há muitos, principalmente perto do mar, onde os há grandes; e as matas das árvores são muito e muito mais altas e grossas que no sertão, onde não há rios nem águas, senão de poço, que com muita dificuldade se acham.

Enfim todo o sertão do Brasil é muito estéril e de pouco mato, e terra desventurada, que, com trabalho dá a mandioca, que o negros plantam como bacelos; e em 10,12 meses se faz tão grossa como grandes nabos, mas com raízes compridas, com muitas pernas, e tenras; raladas, dão muita farinha, com que eles e os brancos se sustentam; e depois do trigo é o melhor mantimento que se sabe; principalmente deitada de molho, faz singular farinha para se comer em fresco, que se parece com nosso cusques. Fazem também outro bejius, que são redondos como manguais, ou compridos, como querem, pouco mais grossos que hóstias: são muito bons de comer, porque tomam o gosto ou sabor natural daquilo com que os comem: fazem mais outra farinha destas raízes a que também chamam mandioca, mais cozida, para durar muitos meses, com que vêm ao reino, e irão à Índia: a esta chamam farinha-de-guerra, porque na guerra, se servem os negros dela; e como no Brasil um negro tem farinha e rede, arcos e frechas, logo se tem por rico.

O cabedal que todos os brasis ordinariamente levam à guerra, não é outro senão – mulher, que lhe leva a rede – e alguma pouca de farinha para os primeiros dias; que depois os pássaros, ratos, bichos e mais imundície o paga e os sustenta; que no Brasil nada disto é venenoso, que é uma das maravilhas dele. Por a mesma razão, nas guerras que lhes fazemos, aquele que leva mais negros, para lhe caçarem ou pescarem, é mais regalado e vai melhor provido.

São geralmente todos os brasis muito ciosos; ainda que tendo muitas mulheres, 10, 20, e quantas cada um pode sustentar; e os principais só nisso o mostram ser. São cabeças na guerra regularmente os mais valentes. Dos ciúmes, que em cabo uns dos outros têm (por respeito dos quais, dão muito fácil crédito a qualquer suspeita e leve indício) procederam e procedem sempre todas as divisões, guerras e diferenças, que todo esse gentio do Brasil entre si têm. E por aqui lhes urdem os portugueses muitas brigas, com que se desavêm umas nações com as outras; com o qual ardil

os entramos e desbaratamos... que, todos juntos, nunca ninguém poderá com eles, nem os domará.

Este ardil nos não vai com os petiguares,⁹ que, sendo o maior e mais guerreiro gentio do Brasil, que ocupa do Paraíba até o Maranhão (600 lég.), tão unidos e conformes estão uns com os outros, que, de indústrias, assentaram, entre si, entregarem-nos a nós os seus delinqüentes, para nós os castigarmos, sem eles brigarem nem se desavirem nunca por isso: e assim o dizem sempre, nas pulhas aos brancos, quando na guerra vêm a fala.

Outra cousa maravilhosa tocarei aqui do gentio do Brasil (já que me alarguei tanto fora do primeiro intento). Como eles todos são muito ciosos, são também muito amigos das mulheres e mui brandos para elas, e gente que, por seus respeitos, servem e obedecem aos sogros como aos pais. Mas quando elas parem, os maridos se fingem doentes, e se deitam, de mimosos, nas redes, onde são servidos 2 ou 3 dias e visitados: e elas, em parindo, se vão lavar com as crianças à fonte.

Têm mais outra propriedade, não por a herdarem do estado de inocência, que neles está corrupta e danada; que, contra toda a ordem da natureza, por mera sensualidade, folgam de andar totalmente nus, sem nenhuma cobertura, cousa que parece os próprios animais brutos estranham.

São menos cobiçosos, sendo em extremo mais apetitosos que todas as outras nações do mundo; e por isso tudo o que vêm nos brancos desejam, esperam e querem que lhes dêem; em lho dando, o dão logo aos outros, e como qualquer cascavel lhes hão o vestido porque dantes morriam.

9 Petiguares, pitiguares, potiguaras, ou potiguares, são uma nação de índios numerosa, que durante algum tempo fez trocas com os estrangeiros, que freqüentavam clandestinamente aquelas costas; porém, de 1535 em diante, opondo-se os donatários e esse comércio ilícito, os potiguaras fizeram constantemente guerra aos portugueses. Mais tarde, por indústria sobretudo de Sorebabé e Camarão, civilizaram-se e foram mui úteis, na guerra contra os holandeses. Na obra que chamam *Castrioto Lusitano* (Empresa da restauração de Pernambuco, oferecida sim a João Fernandes Vieira, mas composta pelo beneditino Rafael de Jesus) lê-se alguma cousa acerca da Paraíba no liv., III §35; 70. 71. 74, liv. VI 87. 88. 89. 91. liv. VIII. 5.

É gente que sempre, se tem vagar, come como brutos; e nisto, e em suas sujidades ou desonestidades, entendem somente como não andam em guerras, porque se dão pouco ao trabalho, e naturalmente são folgazões, como o são todas as outras nações fora da nossa Europa. Ajuda muito a isso a fertilidade da terra em produzir este mantimento, que chamam mandioca, que é o pão de todo o Brasil; porque, cada pessoa, com a planta de um só dia, faz mantimento que lhe abasta todo o ano: mas variam as folhas, por não cansarem a terra; e, com serem tão comilões, têm-se mais à fome que todas as nações do mundo; que andaram dous dias inteiros sem comer nem beber.

São mui afeiçoados e naturalmente amigos de quem o é seu; mas mui vários, e mudáveis em extremo, e por poucas cousas arrombam e perdem tudo, e se alevantam; e assim em nada têm constância nem firmeza. São muito falsos e inclinados a enganar e aleives: e é tão próprio e natural isso do clima, e terra do Brasil, que logo se pega, e tem já pegado a quase todos os brancos, naturais do Brasil, antes a todos; que a ruim semente que lhe, a princípio, lançaram do Limoeiro de Lisboa, e das outras cadeias do reino, piorou ainda mais esta natureza ruim.¹⁰ E assim se deve fazer pouco fundamento dos ditos do Brasil, como não forem de pessoas mui qualificadas na virtude.

Tomando pois às várzeas, que dizia serem a melhor terra, por que nelas há mais selão (que assim chamam à terra forte e boa); e na que é tal, dura a soca ou planta da cana 30 ou 40 anos, sem cansar, nem se replantar; que é muito sustentarem-se estas várzeas, com se alagarem todos os anos, por que, ao longo do mar, é terra baixa e muito retalhada de rios e esteiros. Toda a terra do Brasil não tem mais que só 2 até 3 palmos de boa terra, como o nateiro por cima; que logo dali para baixo é ruim terra

10 Não se perca de vista que este manuscrito data do reinado de Filipe II, de Espanha: refere-se portanto aos sucessos do século XVI, muito antes de ter Portugal prestado a devida atenção à importância deste opulento território. É certo que, no brilhante reinado do sr. D. Manuel, os portugueses; absorvidos pelos seus cometimentos nas Índias, se contentaram com fazer o Brasil um lugar de desterro para malfetores. Porém, a política portuguesa mandou logo no tempo do Sr. D. João III; e o impulso dado ao Brasil, no tempo do sr. Dom João VI, quase tornando a metrópole em colônia, muito contribuiu para a sua atual prosperidade.

d'areia, e solta, sem prestar para nada: e por esta causa todas as árvores no Brasil têm as raízes à flor da terra, e com qualquer vento se arrancam, e se vê que não têm as raízes lançadas para baixo.

Com isso, e com não haver na própria língua dos brasis 3 letras principais (e da maior significação que temos; é a saber F. L. R), cuja falta nos mostra faltarem-lhes a eles três fundamentos, em que o gênero humano se sustenta, e norte porque se governa que são *Fé, Lei, Rei*, nos quis o autor da natureza avisar a não fazermos fundamento de cousa entre o gentio (e não sei se me estenda aos brancos) carece mais o Brasil que de todas; porque nada adoram, nem têm reis nem califas, como as outras nações, senão aqueles a que chamam cabeças para suas guerras: e fora delas, nas aldeias onde vivem, dão pouco por eles, nem os estimam: não guardam fé, nem entre si, nem como os brancos, nem verdade mais que em quanto se lhes antolha.

São mui dados a feitiços; e o feiticeiro (que há em cada aldeia) é o seu oráculo. Têm muita comunicação com o Demônio, e acontecem-lhe com ele muitas cousas muito graciosas e às vezes espantosas.

Mas, tornando já ao ponto, donde me diverti, por dar uma breve relação de coisas que, nos livros que falam do Brasil, não achei escritas.

As várzeas, que se estendem ao longo daqueles grandes rios, que vão de Pernambuco para o Paraíba, que todos se vadeiam, de 2 até 7 e mais léguas, dão mostra bem clara, e certeza assaz evidente de serem muito rendosas, a quem as aproveitar, como são as do caudaloso Garamamé, e as dos rios Cope-suras, e Abiaí, Guajaná, Capibaribe, que chegam até as serras de Copaoba.

Além do Paraíba, ao norte 5 léguas por mar e 10 pelo sertão, está outro rio, a que chamam Manguape,¹¹ que entra no mar, na baía da Traição,¹² o qual rio tem ao longo de si muitas e boas várzeas até Copa-

11 Mamanguape é um riacho que nasce ao poente da vila do mesmo nome, e se lança no mar 4 léguas ao N. da embocadura do Paraíba, tendo só 7 léguas de curso.

12 Traição ou Acejutibiró, baía 1 légua ao N. de Mamanguape. É assim chamado, por ter ali sido morto o primeiro bispo, que voltava do Brasil para Lisboa; com todos os seus companheiros naufragados.

oba; por onde esta capitania de Paraíba, possuindo mais várzeas (que, como já provamos, é o melhor do Brasil), que todas as outras capitanias; e com isso conter mais pau-brasil que Pernambuco, é muito melhor; porque quanto mais para o norte, é preferível: e com todo o da Paraíba se chamar de Pernambuco, se tirará muito melhor pela Paraíba, com a ajuda daqueles rios no inverno, que em Pernambuco, onde o carreto dele fica muito longe e muito custoso e dificultoso: fica também a Paraíba mais perto do reino, sem dobrar cabos; e resolutivamente é a melhor capitania do Brasil, e tal que, sabido bem o porto, segura não arribar navio às Antilhas, que é grande terço e mui importante ao comércio e navegação deste grande estado.

Deixo a ladroeira e colheita de 20 e 30 naus francesas, que, todos os anos, antes de ser nossa, ali carregavam; tendo suas feitorias sobre si cada nação, fazendo de um ano para o outro a carga cada um para as suas naus, com cuja ajuda os negros pitiguares (o maior em número, e, como já disse, o mais guerreiro gentio do Brasil) de 20 anos a esta parte corriam todas as fronteiras de Tamaracá, que, só com 32 moradores acurralados na ilha, piedosamente sustentaram a capitania; e na de Pernambuco já não moíam 3 engenhos, e em condição de pejarem outros, por tudo estes petiguares irem assolando, porque mais facilmente pudessem acarretar e carregar o pau aos franceses; e de tal maneira se foram apercebendo e apelidando os franceses em sua ajuda, que se vieram a fortificar, a seu modo, no mesmo rio Paraíba, com os franceses; situando-se grande quantidade de aldeias dos índios, pelo rio acima, de uma e outra parte, por ser a mais fértil cousa de todo o Brasil; e como ficaram a 10, 12 léguas das suas fronteiras, corriam-nos seguros todos os dias, cevados nos saltos que nos davam; com o que, as capitanias de Pernambuco e Tamaracá andavam tão inquietas e trabalhadas, que não se ousavam valer dos engenhos fronteiros, nem faziam pau-brasil, que é o remédio dos pobres.

Tão cortados os tinha o medo, e as dívidas tão espantosamente consumidos e atribulados, por alguns deverem mais de 30 e 40 mil cruzados; e os mercadores, com as dívidas antigas (que tiveram quase princípio com a terra) tão desacomodados, que se tinham por perdi-

dos. Mas tomada aquela fonte da carga do pau no Paraíba, arreventou logo em Pernambuco, com tanto proveito como a experiência o mostrou; porque uns pagaram o que deviam, outros se fizeram ricos. Mas, dantes em nada havia conselho nem ordem, por os nossos em nada aterem, nas guerras que mal lhes davam; como foram as que lhes deu um Antônio Rodrigues Bacelar, capitão da ilha Tamaracá; que estas e as outras nunca serviram de mais que fazê-los destros, ensinando-os a pelejar; porque em quase todos os recontros e saltos que neste tempo conosco tiveram e nos deram, levaram sempre o melhor: e a fama de tantas vitórias do gentio deve-se à carniça com que se dobravam as opressões destas duas capitânicas que, parece pela malícia dos moradores delas, incorreram o juízo de Deus, provocando aos índios a rompimento, com o mau tratamento e respostas que a seus serviços davam, sendo eles nisso mui certos e proveitosos, e com os cativeiros, que (quebrando-lhes a fé, contra todo o direito natural e das gentes) lhes davam; porque no tempo das pazes eram estes petiguares o melhor gentio desta terra e costa: mas a cobiça dos maiores, principalmente das misturas do Brasil, da nação, mamelucos e degradados, costumados a se vestir e banquetear das suas peles, que todos, por todas as vias, sem exceção, recolhem as bolsas, vendendo-os, sem temor de Deus nem medo do castigo (que realmente, como estas culpas são das cabeças, nunca por estas cousas se deu no Brasil) esta tirania, tão impiamente ousada no Brasil, estragou, assolou e danou tudo: nem deixaram, por estas injustas avexações que se fazem aos índios, de vir grandes açoutes ao Brasil, se não provêm com grande ordem, exemplares e rigorosos castigos, contra estas cabeças; ainda que parece que todos os castigos que Deus dá aos que continuam ao sertão, é por esta causa; porque é pasmar o atrevimento e soltura com que, a tanto custo, os homens se deixam andar naquele grande sertão, por espaço de 2, 3 ou 4 e muitos anos, sem Deus, sem mantimentos; nus como selvagens; e sujeitos a todas as perseguições, e misérias do mundo, se metem os homens 200, 300 e 500 léguas pelo sertão adentro, servindo ao Diabo com tanta curiosidade de martírio, por resgatar ou furtar peças, como os padres antigos do ermo o faziam por Cristo. Isto são cousas tão notórias, e tão mal estão sem remédio, que, como cristão, me forçaram a fazer esta lembrança.

O pau desta capitania é o mais e o melhor que se sabe; por ser a derradeira deste estado, deu nome a toda a província; sendo o seu próprio nome Terra de Santa Cruz, se chama vulgarmente do Brasil,¹³ o qual é um pau feio à vista; tem a casca grossa e espinhosa, e a folha quer parecer de amieiro: é de mais importância que o pastel para todas as tintas, por se darem com ele quase todas; e um só pau dá 5, de que a primeira e a segunda são muito escuras, a terceira e a quarta são as melhores; e assim, pela experiência que disso se tem, se diz que são necessários todos os anos (e bastam destes) 30 mil quintais para a nossa Europa. Das outras capitanias o pau não dá mais que duas tintas. Todo o pau-brasil, cortando-se arrebenta e cresce devagar, que pelo menos há mister mais de vinte anos, e ainda não é grosso. Dizem que o pau desta capitania da Paraíba é a mercadoria, mais de lei que todas as outras, por não padecer corrupção de tempo nem de água; antes a do mar o afina. Na boca é doce quase como alcaçuz. Por respeito deste pau, trataram e procuraram tanto os franceses permanecer na terra.

O dito parece que basta, por ora, quanto a esta capitania do Paraíba, e ao estado em que ela, as de Pernambuco e do Tamaracá estavam; com o que me passarei a tratar das armadas que, para a conquistar, se fizeram, e guerra que nela houve.

Por um da Companhia de Jesus.

13 Partindo Pedro Álvares Cabral para a Índia, com uma frota de 13 naus, em março de 1500, chegou, com próspera viagem, às Canárias; porém arrebatado dos ventos tempestuosos, e derrotados todos seus navios, engolfados demasiadamente em o oceano austral, depois de um mês de derrota quase, aos 3 de maio, dia de Vera Cruz, vieram ter à vista de uma terra, nunca dantes descoberta (exceto o capitão Luís Pires, que destroçado, tornou a arribar a Lisboa.) Reputavam-na a princípio por ilha, mas, depois de navegarem alguns dias, junto a suas praias, averiguaram ser terra firme. Lançou a armada ferro para descansar da viagem, no lugar a que chamam Porto Seguro; saltaram em terra, e puseram-lhe o nome de Santa Cruz, em honra do dia do descobrimento: deu-se-lhe o nome de Brasil, por haver aqui muita abundância de uma madeira, chamada na terra ibirapitangá, conhecida pelos portugueses com o nome de brasil; o qual nome, a ser fundada a opinião de Manuel de Faria (comento do soneto 28 da centúria 1) lhe veio da palavra *brasa*, com a qual aquele pau se parece, pela cor de incêndio.

.....

Capítulo II

DA IDA DO DR. FERNÃO DA SILVA À PARAÍBA, E DO GOVERNADOR LUÍS DE BRITO D'ALMEIDA.

E

L-REI D. SEBASTIÃO, que Deus tem, informado de todas estas cousas, e receoso de os franceses se situarem e se fortificarem no rio Paraíba, mandou ao governo Luís de Brito d'Almeida o fosse ver, e elegesse sítio para povoação: e, por ele não poder ir, indo o Dr. Fernão da Silva, ouvidor-geral e provedor-mor da fazenda deste estado, a Pernambuco, lho cometeu; o qual, com todo o poder de gente de pé e de cavalo da dita capitania, e muitos índios, que ainda então havia, foi, no ano de 74, a vê-lo, e castigar os índios petiguares, que naqueles dias haviam assolado um engenho, que um Diogo Dias, lavrador muito rico, começava com grande fábrica, no rio Rucunhaém, dez léguas do Paraíba; e como ia tão poderoso, correu-os, e não lhe ousaram a esperar, mas, refazendo-se, o fizeram voltar pela praia tão depressa, que não houve vagar para nada.

Acabados os negócios a que foi a Pernambuco, tornou-se para a Bahia, donde, informado o governador Luís de Brito d'Almeida do que passava, e da importância do negócio, conformando-se com a ordem que tinha d'el-rei, se resolveu e determinou de ir, em pessoa, conquistar e po-

voar o Paraíba; para o qual efeito, na cidade da Bahia, mandou aperceber uma armada de doze velas, com toda a gente que pôde ajuntar, levando toda a nobreza da cidade, oficiais da justiça e fazenda, com todos os petrechos e mantimentos necessários, enfim com o maior aparato de capitães e soldados, e recado das mais cousas que lhe a ele foi possível ajuntar.

Partiu no mês de setembro de 1575, e com tempos contrários, a cabo de alguns dias andar espancando o mar, tornou a arribar à Bahia com alguns navios; e Bernardo Pimentel d'Almeida, seu sobrinho, que ia por capitão-mor do mar, com outro navio, seguiu avante, e fez viagem, e foi a Pernambuco, donde, por o tio não ir, se tornou à Bahia, onde o achou, enfadado e cansado da arribada, e todos os homens com suas matalotagens gastadas, e gastado muito cabedal, que da fazenda d'el-rei nosso senhor se meteu na armada, que se afirma que foi de muitos mil cruzados, desfeita em ar, sem mais lembrança do Paraíba, que não causou pouca admiração, por o geral conhecimento, que em toda parte se tinha, da importância desta empresa, e mais pelo fruto que dela se esperava, como dos outros e muitos bens, que, povoada, se logo seguiam à de Pernambuco e Tamaracá.

Depois, unido ao governador Lourenço da Veiga, no ano de 78, e querendo prosseguir esta empresa, mandando ao ouvidor-geral Cosmo Rangel de Macedo, e Cristóvão de Barros, provedor-mor, lha encomendou. E porque no tempo que nele esteve, houve muitos rebates de petiguares, de todo fizeram recolher os maiores à ilha de Tamaracá, avisando-o sempre, e procurando fazer jornada: mas não houve efeito, e parece que nosso senhor a tinha guardada para o tempo, em o qual havia de haver quem a procurasse de toda a força e coração, e se concluísse, e escusasse o muito cabedal e excessivos gastos, que os oficiais de fazenda de S. M. nesta empresa sempre fizeram, e davam em despesa, para ostentação e seus intentos, mais que para alcançar efeito. E com isto passemos ao tempo d'el-rei Dom Henrique.

.....

Capítulo III

COMO FRUTUOSO BARBOSA FOI ENCARREGADO DA PARAÍBA.

E

L-REI D. HENRIQUE, que Deus tem em glória, movido dos clamores que destas capitancias lhe faziam, e do dano que, fortificados os franceses com tanta multidão de gente petiguar, encarniçados com tantas mortes, podiam fazer, a instância de um Frutuoso Barbosa, que havia ido de Pernambuco, que por haver já no Paraíba carregado navios, de pau, por algumas vezes, no tempo das pazes que lhe os petiguares fizeram, e por ter conhecimento da terra e deles, e ter praça, e muitas palavras, o encarregou da conquista e povoação do Paraíba, por contrato que fez em sua fazenda, dando-lhe para isso as provisões necessárias, naus e mantimentos; e em conquistando e povoando o Paraíba a capitania dele por dez anos.

Chegou Frutuoso Barbosa a Pernambuco, creio, no ano de 79, em um formoso galeão, e uma zaura, e outros dous navios, com muita gente portuguesa, assim soldados como povoadores, casados, com muitos resgates, munições e petrechos, e cousas do armazém necessárias assim à conquista, como à povoação, que logo havia de fazer; e trazendo um vi-gário, a quem el-rei dava 400 cruzados de ordenado, e religiosos de S.

Francisco e de S. Bento, com toda a ordem e recado necessário, à empresa que à fazenda d'el-rei devia de montar um mui grande pedaço; com o que vendo-se enfunado e cheio de senhoria, e subido a tal estado, se vazou por ali, esquecendo-se da obrigação que trazia, em sete ou oito dias que esteve surto sobre Pernambuco, sem querer desembarcar nem tratar o negócio, lhe deu um tempo, com que arribou às Índias, na qual arriba lhe morreu a mulher, sem ter acordo (por não dizer outra cousa) para entrar no Paraíba, de onde, tornado ao reino, partiu dele, no ano de 82, por mandado d'el-rei D. Filipe, nosso senhor, já com menos arrogância porque, chegando ao porto de Pernambuco, se concertou com os da vila de Olinda, que é a cabeça da capitania de Pernambuco, como pôde, que não desejavam outra cousa, ordenando-se com o licenciado Simão Rodrigues Cardoso, capitão e ouvidor de Pernambuco, fosse por terra, com a gente dele; e ele foi, com a gente que trazia, e outra muita da mesma capitania, que, por serviço d'el-rei, se lhe ajuntou por mar.

Chegando à boca da barra do Paraíba, com a armada que trouxe, e alguns caravelões destas duas capitanias, Tamaracá e Pernambuco, entraram pelo rio acima, por terem aviso que sete ou oito naus francesas, que lá estavam surtas, estavam bem descuidadas, e varadas em terra, e a maior parte da gente nela, e os índios metidos pelo sertão, a fazer pau para a carga deles. E, dando de súbito sobre elas, queimaram cinco, esbulhando-as primeiro, que foi um honrado feito: e as outras fugiram com quase toda a gente.

Descuidados os nossos com esta vitória, que lhes deu nosso senhor, a tão pouco custo e nenhum sangue, saindo alguns deles em terra com um filho de Frutuoso Barbosa, e alguns seus parentes e soldados espanhóis, arreventou o gentio de uma cilada em que estava; e dando neles, os iam matando até à praia, onde se eles iam recolhendo para os batéis, sem deles, nem das naus, que tudo era a tiro de arco, os socorrerem; que foi a cousa lastimosa ver matar mais de 40 homens portugueses, em que entrou o filho do capitão, e alguns espanhóis nobres, por uma desordem tamanha. E com a mesma fúria houveram os inimigos de tomar a zaura em que ia Gregório Lopes de Abreu por capitão, que no dia dantes entrara diante e fizera tudo por ficar na ponta da ilha, quase em seco; e a se não defender esforçadamente, sempre os índios, com alguns franceses, o tomaram às mãos, e acabaram todos.

O capitão Frutuoso Barbosa ficou tão cortado e receoso deste sucesso, que se levantou com toda a armada, e foi surgir na boca da barra, por se não ter por seguro dentro, esperando a gente que ia por terra, e estando para dar à vela, por ver que tardava, chegou o licenciado Simão Rodrigues (que, a ser mais cedo, não houvera o destroço que houve) com 200 homens de pé e de cavalo, e muito gentil, porque assim o faziam sempre.

Passando o rio por cima, e indo, ao longo dele, buscar a barra, da banda do norte, no caminho, na várzea do Paraíba, teve um bom encontro com os petiguares, que, avisados da sua ida, o foram esperar; e meteram em revolta e pressa, se o nosso gentio, ajudado da gente, lhe não obstara aquele primeiro ímpeto; mas os petiguares, favorecidos da vitória passada, se metiam tanto, que vinham a braços com os nossos, os quais, tornando sobre eles, os desbarataram de todo, matando um bom golpe deles: e assim chegaram à barra do rio, da banda do norte, com esta vitória, com que consolaram os da armada; e, animados uns com os outros, e tratados, com sete ou oito dias, que ali estiveram, os meios de se fortificarem e povoarem da banda do norte, porque pareceu impossível da banda do sul, no Cabedelo, por ser mau sítio e não ter água. E feita experiência em alguma que se abriu na praia, e tudo muito praticado, e não sei como feito, pelos inconvenientes e impossibilidades que a tudo achava Frutuoso Barbosa, fugiram à maior pressa, que o medo a cada um insinuou, por ver, da banda de além, junto muito gentio petiguar.

Mandando dali o galeão, com aviso a S. M. do que passava, desesperado já Frutuoso Barbosa de sua vaidade, se veio lograr um novo casamento, que, à sombra da governação, de caminho em Pernambuco, havia conseguido, cortado das perdas de outra mulher e filhos, que nesta jornada havia perdido, e infortúnios que pelo Paraíba havia padecido.

E assim ficaram ambos em calma, e os inimigos mais soberbos, e estas capitánias pior que nunca, e a de Tamaracá de todo desesperada. E, para se despovoar, só detinham a alguns poucos as esperanças que lhe deixou um Antônio Raposo, que, por procurador mandaram à Bahia a pedir socorro ao governador, Manuel Teles Barreto, com grandes requerimentos e protestos de encampações, assim de Tamaracá como de Pernambuco, no outubro de 83, andando-se isso já traçando, por ordem do general Diogo

36 Anônimo

Flores de Valdez, do qual é bem que se conte como veio ter à Bahia e partes do Brasil.

Por um da Companhia de Jesus.

.....

Capítulo IV

COMO, CHEGANDO DIOGO FLORES À BAHIA,
SE ORDENOU VIR AO PARAÍBA.

N

OPRINCÍPIO do mês de junho, do ano de 1583, chegou à cidade de Salvador, Bahia de Todos os Santos, metrópole deste estado do Brasil, com oito naus, Diogo Flores de Valdez; resto da armada das vinte e tantas, de que el-rei nosso senhor o mandou, por general, conquistar e povoar o estreito de Magalhães, de onde vinha, de arribada, havendo deixado no Rio de Janeiro Diogo de la Ribeira, seu almirante, ao qual da Bahia se mandou fornecimento de algumas cousas, para prosseguimento da jornada, como com efeito fez, levando-o para Sarmento de Gamboa, que, por S. M. vinha provido da capitania e governança do estreito de Magalhães, onde o deixou; e por o general Diogo Flores trazer muito encarregado ajudasse, por todas as vias, à conquista e povoação do Paraíba, tanto que chegou, tratou logo prover-se isso, como convinha; e assim se assentou se fizesse e se lhe mandaram apresentar os mantimentos necessários para, provida a armada, em fazendo o tempo, se partir para a capitania de Pernambuco; mas, movido de tantas exclamações como aquelas duas capitanias faziam, se resolveu partir logo, ainda que contra monção, no janeiro, que vinha, de 84.

Daqui por diante, como testemunha de vista, por cumprir com a obediência, serei mais largo nesta relação, para a qual houvera mister nova língua, e outra cópia, para dizer os muitos trabalhos e variedades, com que se procedeu nas cousas desta empresa do Paraíba, depois que o general Diogo Flores a começou, com o trabalho e ajuda do ouvidor-geral, Martim Leitão, que Deus parece para isso trouxe à terra, com as ajudas que lhe sempre dos moradores procurou, e grandes diligências, e estranhas indústrias que para isso buscou. E assim começarei deste princípio em que se assentou, no conselho geral da cidade da Bahia, em casa do governador Manuel Teles Barreto, fosse o general Diogo Flores, e em sua companhia o licenciado Martim Leitão, com todos os poderes bastantes, para efeito da conquista e povoação do Paraíba; ainda que depois disso, por particular ordem do governo Manuel Teles, foi por provedor da fazenda e mantimentos da armada da Bahia e do mesmo Paraíba, Martim Carvalho, morador na Bahia, que fora melhor, por todas as vias, não ter lá ido (que tão avesso foi sempre, em todas suas eleições Manuel Teles); porque como nas coisas o zelo do serviço de Deus e do rei não vai diante, não há que tratar delas.

Partiu o general Diogo Flores de Valdez, e o ouvidor-geral Martim Leitão, da cidade do Salvador para o Paraíba, ao 1º do mês de março, do ano de 1584, com sua armada de 9 naus, 7 suas e 2 portuguesas; e, por maus aviamentos, não partiram mais cedo. Chegaram a Pernambuco a vinte do mesmo; e nesse próprio dia desembarcou o ouvidor-geral, ficando de fora toda a armada; e, aos vinte um, fez juntar em câmara D. Filipe de Moura, capitão e logo-tenente da capitania de Pernambuco, por Jorge de Albuquerque, com os que se então acharam na vila, e assentar a jornada, e chamar todos, pelo termo, por si e com rogos, para aos vinte e quatro, se juntarem no Arrecife, e se dar pressa e ordem a tudo, como se fez, que foi véspera de Ramos; em que se também achou D. Antônio Barreiros, bispo deste estado, que havia ido na armada, a visitar a capitania de Pernambuco e Tamaracá: e aí estava pousado com o provedor Martim Carvalho. Ficou assentado se aprestasse tudo, para domingo da Páscoa: partiram por terra D. Filipe de Moura, por cabeça, com a gente que o ouvidor-geral havia de fazer e avisar daí e Tamaracá, e ordenar tudo como logo começou a mostrar, rogando naquela semana um e um, e compondo-lhe suas cousas todas, com que se aviaram muita parte dos moradores, que ajuntou em Iguaraçu,

que é uma vila, cinco léguas da de Olinda, no dia assinado, de onde obrigado a ir a D. Filipe, que, arrependido, receava de sair, lhe juntou os da ilha, no engenho de Filipe Cavalcanti, até onde Martim Leitão acompanhou ao arraial, que bem guiado se tornou a lhe avisar mais gente: e naqueles 2 ou 3 dias, fez alguns quarenta homens, com muita diligência e trabalho, que, entregues a um Álvaro Bastardo, lhos enviou, e se juntaram com ele, perto do rio Paraíba, aonde tiveram um recontro com os petiguares.

E assim passaram o rio, por cima, por onde as outras vezes; e passados à banda do N., por ele abaixo, foram demandar a barra, aonde encontraram Diogo Flores, que aí achou, surtas e varadas em terra, cinco naus de franceses, que já tinha queimadas, e uma lhe fugiu; aonde da terra, ao subir para sua nau, lhe deram uma frechada nos peitos, que lhe não fez nojo, pelas boas armas que trazia.

E assim, juntos todos, se procedeu na forma seguinte. Porque o principal que se pretendia, e verdadeiro efeito, era povoar-se a terra, chegado e alojado ao arraial; saiu em terra Diogo Flores, e em conselho assentaram fazer-se um forte, para que, à sua sombra, se povoasse a terra. Assentou-se mais a forma e ordem que se teria no situar dele, e gente que nele havia de residir; para o que nomeou o general, por alcaide, ao capitão da infantaria Francisco Castejón, o de mais confiança que trazia, com 110 soldados espanhóis, todos arcabuzeiros, muito boa gente; dos portugueses, mamelucos e outra gente miúda, mais de cinqüenta; os quais, porque haviam mister cabeça, quisera Frutuoso Barbosa que o declarasse o general por capitão e governador, conforme as provisões que lhe apresentou: mas, ao vê-lo ir na armada, como pessoa privada, com pouca conta e respeito, e por outras razões que lhe pareceram, e suas provisões dizerem que el-rei o fazia capitão, quando ele a conquistasse (o que ele não fizera) lhas não guardou; remetendo ao exército português elegesse cabeça para os portugueses, que tratavam o negócio, por a maior parte dos melhores de Pernambuco serem vianeses (donde ele é) e parecer fiarem o negócio daquele a que S. M. o encomendará, o elegeram por capitão dos portugueses, e governador da povoação, quando se fizesse, até S. M. prover; porque por ora, todos haviam de estar no forte, que, tanto que se elegeu sítio, se traçou e começou; de que Francisco de Castejón ficou por alcaide e capitão, e dele deu homenagem ao general Diogo Flores de Valdez, e se lhe pôs o nome de S. Filipe

e S. Tiago, no dia dos quais apóstolos (que é o 1º de maio) Diogo Flores Valdez se fez a vela, caminho de Espanha, onde chegou a salvamento.

No forte, trabalhou toda a gente do exército e gentio, até se acabar, que foi no fim de maio; o qual forte se plantou uma légua da barra, da parte do N. defronte da ponta da ilha, lugar que, por ser baixo e de ruim água, a muitos não pareceu bem: mas foi forçado, por não fugir a gente, com o largo rio que lhe ficava em meio e atravessar por cima, por o sertão ser perigoso e muito comprido. E por este e outros respeitos, por cima de todos os inconvenientes, se acabou e situou ali, ficando-lhe, de presídio e guarnição, perto de 170 homens, e alguns de cavalo.

.....

Capítulo V

SALTO DO CAPITÃO SIMÃO FALCÃO, E SAÍDA DOS NOSSOS.

O

NOSSO EXÉRCITO PORTUGUÊS, por ver que sua estada ali já não era de efeito, se partiu, levando a via do sertão, em busca do gentio inimigo, onde o capitão Simão Falcão, em quanto assistira na obra do forte, espiada uma aldeia, a salteou em uma madrugada com boa mão e felicidade, matando alguma gente, e cativando quatro pessoas, com cuja língua foi ao exército, pelo mesmo rumo, buscar os inimigos até uma campina, que se agora chama das Ostras, três léguas do forte, onde se alojou o arraial; e por ser a festa do Espírito Santo, e a gente ser dada a folgar, se puseram a festejar, com demasiado descuido, o dia e oitavas, havendo 5 dias que ali mal estavam; e dizia D. Filipe, por descarga dessa desordem, que esperava seu sogro, Filipe Cavalcanti, que não andou bem em ficar no forte, com achaque de vir ter com eles pelo rio acima.

Uma tarde, ouvindo uma trombeta e outro rumor, assentaram se fosse descobrir o campo, por haver muito que ali estavam sem ordem; e indo assim, até 10 de cavalo, – alguns 40 de pé, com alguma quantidade de índios, à ordem de um Antônio Leitão, deram em uma cilada, menos de três tiros de espingarda, que os começaram a sacudir, de maneira que os

desbarataram de todo, matando o capitão e mais de trinta, e muitos índios: e foi tamanho o desbarate e nossa desordem, que até à vista do arraial os vieram matando, sem haver acordo para lhes sacudirem, antes se pôs tudo em tanta confusão, que, se os povos imigos, que ali estavam o cometeram, o desbarataram; que todos andavam pasmados; e pela frouxidão do capitão D. Filipe; que, como foi noite, com dobrada desordem se deitaram e um alagadiço, que estava junto, por onde haviam de tornar para o forte; e sendo ele de mais de tiro de espingarda, que em partes encheram com algum entulho, que, quando por ali passaram, lhe tinham deitado, com asas de medo, que levavam, passaram uns por cima dos outros, como se fora uma mui boa ponte; e foi cousa milagrosa, ou milagre de medo a quem sabe estes passos.

Com este medo; foram todos bater às portas do forte, onde o alcaide, enfadado de os ver tais, os teve até alto dia, à chuva, sem lhes querer mandar abrir; que foi leve castigo para o que mereciam. Passado foi aquele dia, que, todo, o alcaide e gente que ficaram no forte, gastaram em os persuadir tornassem em busca dos inimigos, com mais cinqüenta arcabuzeiros espanhóis que lhe o alcaide dava, dos do presídio. Tais estavam que, nem com isso, nem com se acharem ainda alguns noventa homens de cavalo, e mais de 140 de pé, que quase faziam 300 (o maior exército que, até aqueles tempos, se juntou no Brasil), se quiseram nunca abalar, senão voltar para casa com deixarem mais de quatrocentos índios dos nossos mortos, e mais de cinqüenta homens brancos; que foi a mor perda, que estas capitánias até ora receberam; porque quase tudo eram escravos, afora mais de cento de Guiné. E assim, à maior fugir e sem nenhuma ordem, se vieram todos passando o rio, defronte do forte, em barcos, com bem de trabalho, por ser força do inverno, que os tratou mal todo o caminho, aonde também morreram muitos cavalos e gentio, à míngua, por nenhuns se guardarem uns aos outros.

E tais chegaram a Pernambuco, de todo desbaratados, no mês de junho!

.....

Capítulo VI

DO PRIMEIRO SOCORRO QUE, POR DILIGÊNCIA E
INDÚSTRIA DO OUVIDOR-GERAL, SE MANDOU À PARAÍBA.

CHEGADOS desta maneira a Pernambuco, logo naquele mês começaram os requerimentos do alcaide do forte, e Frutuoso Barbosa, por ficarem faltos de mantimentos (e esta foi a maior falta que o nosso exército padeceu), tudo por desordem das cabeças, que, havendo farinhas, as repartiram mal; e por ficarem os inimigos vitoriosos, molestavam de contínuo o forte (porque esta nação de gentio, vitoriosa, não há quem a sofra; são esforçados de sua pessoa mais que todos os outros e tão ousados que não temem morrer, porque tudo entre eles é opinião de valentes); e só os detinha não levarem a fortaleza nas unhas a fúria de artilharia, que, cruamente, achando-os em descoberto, os despedaçava; a cuja sombra o alcaide, Francisco de Castejón, em algumas escaramuças que com eles teve, lhes mostrou o valor de sua pessoa e dos espanhóis, e de alguns portugueses, apesar do seu capitão Frutuoso Barbosa, que não tinha paciência com estas escaramuças; e com requerimentos de medo as estorvava, quanto podia, de dentro de sua casa, que tinha no meio do forte.

E assim, encontrados, ele e o alcaide, nos humores, tudo eram brigas e más palavras, no que assaz sofreu Frutuoso Barbosa; e já que não tinha em que, ao menos nisso e sua paciência bem padeceu. E, comendo uns e outros a fraca razão que haviam do rei, ao som das brigas domésticas e das dos imigos, que todas as semanas corriam, passaram alguns meses de junho e julho sempre com muitas papeladas uns dos outros, e requerimentos de socorro ao ouvidor-geral, que, como encarregado para isso do governador-geral, Diogo Flores, e conhecido por mais zeloso do serviço d'el-rei, tudo batia nele; até os mantimentos que havia de dar Martim Carvalho, que, parece por particular influência, começou logo a correr pesadamente neste negócio do Paraíba: e, a esta conta, se começaram desavenças entre ele e o ouvidor-geral, o qual, como fragueiro e impaciente dos vagares de Martim Carvalho, bramia e metia os oficiais da câmara nisso, por pairar com o bispo, compadre e grande amigo do provedor Martim Carvalho; por quanto o mesmo bispo fizera, com o governador Manuel Teles, que o mandasse com aquele cargo, com o que ficou a vila quase dividida.

O ouvidor-geral, com a câmara, que sobre isso os apertava, continuou com requerimento para os espertarem e às vezes nada bastava! Seria infinito e enfadonho contar aqui as particularidades que nisto passaram. Basta que, nem algum pouco provimento se deu, senão à força de grandes requerimentos, e feros, que ainda às vezes nisso metia o ouvidor-geral, e buscar quem os levasse ao Paraíba, por ser mui vagaroso o modo com que Martim Carvalho tudo detinha e empachava. E quanto ele, com estorvos e desvios, mais declarava sua tenção, tanto mais o ouvidor-geral, com todas as superabundâncias, por outra via se mostrava zeloso e diligente; que, em verdade, foi demasiada afeição a que nestas matérias teve, e adiante muito mais mostrou. Mas, por atalhar e evitar ódios, e não descobrir faltas, passo brevemente por estas cousas.

No agosto logo seguinte, que do forte cresciam os requerimentos, apertados da guerra e fome, que até os cavalos tinham comido, mandou Martim Leitão, por mar, vinte e quatro homens brancos, a cargo de um Nicolau Nunes, com alguns mantimentos, que no navio mandou o provedor. Contudo, vendo-se o alcaide, Francisco Castejón, muito perseguido dos contínuos rebates dos índios, e tanto descuido do provedor, se veio, em setembro, a Olinda, onde achou Pedro Sarmento de Gamboa, governador

do estreito de Magalhães, a quem Martim Leitão tinha agasalhado, chegando também destroçado. E ambos, por sua via, pediam mantimentos, que o Sarmiento houve, pela do ouvidor-geral, e se foi: mas, para o alcaide, tão devagar se aviavam, que andava impaciente. Pelo que, achando-se um dia, além de outros muitos, em casa de Martim Carvalho, com os juizes e oficiais da câmara, a protestar-lhes mantimentos em presença do bispo, vieram a muito ruins palavras; às quais, alguma gente de casa arrancou, com os soldados do alcaide, em cima, onde todos estavam; e baralhada assim a casa, saíram à rua com grande briga, que se ordenou de muita gente, por os do bispo virem chamando: *Aqui da igreja!* e aos oficiais da câmara acudir toda a vila. E assim, a volta, acudiu o ouvidor-geral, de sua casa, e os apaziguou, como pôde, ficando disso Martim Carvalho muito pior.

Por isso se tornou o alcaide para o Paraíba em o mês de outubro, mal provido, e com claras mostras de o ser cada vez pior, pelo ódio em que contra ele ficava o bispo e o provedor; mas consolava-se, esperando proveiria S. M. até janeiro, com que cessariam seus trabalhos.

.....
Capítulo VII

O SEGUNDO SOCORRO QUE SE MANDOU AO PARAÍBA,
E DESTRUIÇÃO DAS NAUS FRANCESAS.

N

O NOVENBRO seguinte, entraram duas naus francesas no rio Paraíba, e reconhecendo o forte, e uma grande nau portuguesa com dois patachos, que lhe Diogo Flores deixara, se saíram, foram surgir três léguas abaixo da boca da baía da Traição. E começando trato com os petiguares, de que sempre foram amigos, vieram correr ao forte, trazendo alguns berços, que grandemente apertaram com grandes cavas, que em voltas faziam, para os não pescar a artilharia: com as quais cobertas e outros ardis, como práticos nas nossas guerras, e ordem e ajuda dos franceses, puseram o alcaide em termos de desesperar de poder defender-se. E logo disso avisou ao ouvidor-geral, com grandes requerimentos, assim seus, como de Frutuoso Barbosa, assinados por espanhóis e portugueses.

O ouvidor, no próprio dia, que lhos deram, se foi dormir ao Arrecife, que é o porto de Pernambuco, uma légua da vila, onde apresentou um navio de 70 toneladas, à sua custa, com artilharia, munições, e mantimentos, e 40 e tantos homens brancos, escolhidos todos, e de opinião, e os mais deles de sua obrigação, que todos folgaram de ir a seu rogo, e 60

índios dos nossos de paz; e em 4 dias, andando em uma rede, por andar doente, os deitou pela barra fora, que foi espantosa diligência: e este navio com a galé de Pedro Lopes, capitão da ilha Tamaracá, que também juntamente o ouvidor-geral forneceu, em que o mesmo Pedro Lopes foi por capitão, com 15 ou 20 homens e alguns índios, se juntou no Paraíba, onde foram recebidos, e estimados, como a própria vida e salvação.

Os franceses, vendo o socorro, os quais pelo muito tirar que do navio lhe faziam, lhe chamaram bota-fogo, se recolheram a suas naus; e assim dado ordem, e consultado o caso, o alcaide com os capitães do socorro, que do navio era um Gaspar Dias de Moraes, soldado antigo de Flandres, que a rogo do ouvidor-geral aceitou sê-lo, assentaram ficasse Pedro Lopes, capitão da galé, no forte, por respeito do muito gentio, que diziam passar de dez mil os que o tinham cercado com suas cavas e trincheiras; e que o alcaide na sua galé, e nau que lá tinha, e a do socorro, foi-se buscar os franceses, a quem tomaram o mar; e varados em terra, lhes queimaram as naus, e mataram alguns, que foi um honrado feito, por serem as naus grandes, e estarem avisados. E com isso voltando a galé, e navio, o que a nau, por ser muito grande, não pôde fazer, lhe foi forçado arribar às Antilhas; e nela foi a maior parte da artilharia, que aqui tomaram.

Chegados o navio e galé ao forte, desembarcando de súbito, e com a gente de dentro, deram nos imigos com tanto ímpeto, que lhes ganharam as suas estâncias, matando muitos, com que se afastaram bem longe, e os nossos cobraram a água, que lhes tinham tomado.

Os imigos, com isto desesperados, se foram de todo, e assim ficando os do forte mais largos que nunca, e todos muito contentes, com grandes louvores do ouvidor-geral, Martim Leitão, se tornaram a Pernambuco, a lhe dar razão de tudo, e receber os parabéns da jornada; que certo foi de muito efeito, para desengano dos franceses, e entenderem que nem na baía da Traição haviam de ter colheita, como porque se tinha até este tempo por impossível os navios que de cá do sul fosse à Paraíba tornarem a Pernambuco, sem arribarem às Índias, por a costa já ir muito voltando, e não se pode vir dela senão com nortes, e nordestes pelo menos; e com o que também os petigueares se desenganaram de poderem ter comércio com os franceses, lançados do Paraíba. E com esta mágoa e desejo de vingança, ordenaram o que ao diante se segue.

.....

Capítulo VIII

EM COMO O OUVIDOR-GERAL MARTIM LEITÃO
FOI AO PARAÍBA A PRIMEIRA VEZ.

N

O FIM de janeiro de 85, avisou o alcaide ao ouvidor-geral e câmara que juntara mais gentio que nunca, e tinha feito três grandes cercas, ao longo do forte (a tiro de pedra), de pés de palmeira, que, por estupendas e grossas de que naquelas partes há muitas, os defendiam da artilharia; e todas as noites os iam chegando, e ganhando terra, pela qual causa estava muito receoso, que por aquela via com as próprias cercas os viriam abarbandando, até se abraçarem, e igualarem com o forte, sem se poderem valer da artilharia, nem às mãos se poderiam defender, por no forte haver muitas doenças, por respeito do ruim sítio, água, e fomes com que muita gente (principalmente os espanhóis, como nos tempos passados) lhe era morta; e assim estavam em muito perigo, e se perderiam sem falta.

Indo os inimigos avante, aos 8 de fevereiro, dobrou com maiores requerimentos, e encampações de logo despejarem todos, como sem falta por particulares avisos de lá se soube, até terem o melhor embarcado em uma nau, que lá tinham: por respeito da qual nova, toda a vila e capitania se meteram em grande revolta, e muito mais com se saber esta determina-

ção dos do forte do Paraíba, e por juntamente ser chegado em socorro aos petiguares o famoso (entre o gentio) Braço-de-Peixe.

Logo o ouvidor-geral, em lhe dando os requerimentos, os mandou ao capitão D. Filipe, que, por estas diligências do ouvidor, estava já liado com Martim Carvalho, ao qual também se levavam outros sobre mantimentos, vindo a isso o tenedor deles do forte, e com os da guerra ao ouvidor-geral e câmara o tenente; no que instando todos concordavam juntamente (o bispo, capitão D. Filipe, o provedor Martim Carvalho, e câmara, com todos os da governança, e mais povo) requererem ao ouvidor-geral Martim Leitão fosse dar uma boa guerra e socorro ao forte, como fizeram por escrito, de que se fizeram autos, que tão cortados estavam todos de medo, que sem ele ninguém lá ousaria ir, e com ele todos.

Com estas e outras razões, e importância do caso, que não sofria dilação, ele o aceitou, a 14 de fevereiro, com determinação de partir dentro nele, que se começou em toda a parte por incrível presteza, e diligência, que era cousa notável ver a vontade com que se todos bons e maus, sabendo que Martim Leitão ia, aprestavam, tendo já lá todos ido tantas vezes com ruim sucesso; e a não haver no porto, passante de 30 navios, com inumeráveis mantimentos que nunca em nenhum tempo tantos houve, não fora possível aviarem-se; e quando foram, não foram com tanta brevidade.

Aqui era infinita a diligência de Martim Leitão em particularmente escrever a todos muitas cartas, convidando-os com razões a que ninguém pôde fugir, para a jornada, e aviando a muitos; porque como, no Brasil, tudo é fiado, e a maior parte dos nobres nestas cousas querem superabundâncias, a que os mercadores já não acudiam, era forçado fazê-los ele prover e aviar uns e outros; e era infinito isto, e ordenar o necessário.

Fez também duas capitánias para sua guarda, que depois mandou na vanguarda, pela confiança, que neles tinha, por ser tudo gente solta, e muitos mamelucos, e filhos da terra, porque estes nisso são de mais efeito. E a estas duas companhias deu sempre à sua custa de comer, e todo o mais necessário, e proveu de armas, ainda que nos requerimentos que lhe fizeram para ele haver de ir, dizia o provedor Martim Carvalho que fosse; que ele o proveria à custa da fazenda.

Além dos dous capitães da guarda, que um era Gaspar Dias de Moraes, que de socorro antes havia ido ao Paraíba, Misse e Hipólito, an-

tigo e mui prático capitão da terra, se elegeram mais de novo por capitães Ambrósio Fernandes, e Fernão Soares, que se chamavam capitães dos mercadores; e foram mais os capitães das companhias de ordenança da terra, Simão Falcão, Pedro Cardigo, Jorge Camelo, João Pais, capitão do Cabo de S. Agostinho, muito rico, que o fez nesta jornada por cima de todos em tudo, com muitas vantagens, levando sempre à retaguarda, e João Velho Rego, capitão de Iguaraçu, e todos os da ilha Tamaracá, com seu capitão Pedro Lopes. E porque havia muita e boa gente de cavalo, que foram 195, ordenou 3 guíões, de 30 cavalos cada um, dos melhores, para acudir ao que cumprisse. Ia mais um filho do capitão Antônio Barbalho, com a sua bandeira, por ele ficar doente, que em todas as jornadas o fez muito bem.

Era a segunda pessoa deste exército, sobre quem carregava o peso dele, Francisco Barreto, cunhado do ouvidor-geral Martim Leitão, a que chamava mestre-do-campo; e ele o pudera ser de outro de muitos milhares de soldados, por seu esforço, aviso e destreza. E assim era estranho o cuidado, e diligência com que a tudo acudia, e provia. Ele era a esperança de todo o arraial, e o gosto do seu cunhado Martim Leitão, ao qual Francisco Barreto sempre ajudou em tudo, e acompanhou; de maneira, que se pode dizer, por ele ser o fiel de Achates, o qual com os que ajuntaram à sua parte, foi a mais famosa cousa que nunca Pernambuco viu, nem sei se verá.

Foi dormir no campo de Iguaraçu, no meio do qual mandou armar sua tenda de campo, com outras duas pegadas: uma dos nossos dois padres, e outra de sua dispensa, onde se agasalhava também a gente do seu serviço, que eram, com as duas companhias, cem homens.

Aqui mandou o governador Martim Leitão, ou general, porque assim lhe chamaremos, esta jornada, deitar grandes bandos, pondo graves penas contra todos aqueles, que brigassem, ou arrancassem, encomendando muito particularmente que houvesse entre todos muita amizade e conformidade, e outras boas ordens, e necessárias, que se se cá costumaram no Brasil, não houvera os desconcertos, e perdas, que tivemos os tempos passados.

Ali estive os três dias, esperando se ajuntarem todos os do termo, que era cousa de ver naquele campo todos os armados, onde fez aposentador, e mais oficiais de campo; e tanto mais para ver, quanto se menos havia visto outro tal no Brasil, de tanta, nem tão boa, e luzida gente, que até de todos os navios lhe deram de cada um 1 e 2 soldados.

.....

Capítulo IX

DA ORDEM DA JORNADA, E DO PRIMEIRO ROMPIMENTO, E CERCA TOMADA.

AO QUARTO DIA, que foi o 1º de março daquele alojamento, e fora de ali duas léguas, além do Engenho de Filipe Cavalcanti, com muita água, e receio de os impedir o inverno, por ser já cabo de verão, foi feita resenha e acharam-se 500 e tantos homens brancos. Dali foram dormir, ao outro dia, além do rio de Tapurema, aonde o general deu regimento a todos, e ordem do que haviam de fazer.

Repartiu as companhias, e ordenou que um dos guiões de cavalo, aos dias, por evitar competências, fosse sempre na vanguarda, o outro na retaguarda, e o terceiro na batalha, onde ele ia, porque da gente de cavalo escolheu 90, os melhores, de que fez 3 guiões, cada um de 30 cavalos, de que eram capitães Cristóvão Pais d'Alter Cavalcanti, Antônio Cavalcanti, filho de Filipe Cavalcanti, e Baltasar de Barros. E o capitão a que seu dia tocava a retaguarda tivesse obrigação de, mais uma hora antemanhã, com alguns índios, correrem, e descobrirem o campo. E assim, com toda ordem possível, e com de contínuo irem alguns homens de confiança, com mamelucos, e índios por descobridores diante, e pelas ilhargas do exército me-

tidos pelo mato, levando por cabeça um Manuel Leitão, com mais 7 ou 8 de cavalo, e alguns arcabuzeiros, que eram 12, aos quais seguiam os nossos índios forros, e a eles as companhias de vanguarda em sua ordenança, com ordem de nenhum bulir o pé donde os cometessem, e darem-se sinal uns aos outros, e passarem palavra; ou correrem, como cá dizemos, de oficial em oficial, sem embargo do caminho ser muito ruim, e tão cheio de mato, que era necessário irem os gastadores diante dizendo-o, e caminhar enfiado uns atrás dos outros; e com a gente ser tanta, que tomava mais de meia légua ao comprido, em um momento se sabia em todo o exército tudo o que em alguma parte dele sucedia.

E assim foram por suas jornadas em 5 dias, até entrarem na grande campina antes do Paraíba, aonde, pela lembrança do que ali alguns em outras jornadas tinham visto, ia a gente tão apertada, que sendo ali tão bom o caminho, não andavam, por mais recados que se passavam à vanguarda, em que, naquele dia, por ser de mais importância, ia Francisco Barreto; mas, pelo vagar, tornando o general com galope em um cavalo, que havia pouco tornara folgado, foi ver o que era; e achando que já ia pelo mato os que tinham nome de gastadores, e que também iam a cargo de Manuel Leitão, abrindo com as foices caminhos, por o fazerem devagar, os repreendeu Martim Leitão, e pôs ali seu cunhado, que por ser tarde abreviasse para os não estorvar, ou danar a noite.

Francisco Barreto fez marchar avante a vanguarda com presteza e recado; e o general esperou ali até se meter em seu lugar, aonde, indo já quase sol-posto, se sentiu dar a vanguarda em uma grande cerca, em que alojava o Braço-de-Peixe, pegado com o rio Teberi, com mais de três mil almas, onde o açodamento no acometer de Francisco Barreto, e de alguns capitães, e com sobrevir logo a noite escura, e estar da outra banda da cerca um grande alagadiço (que assim se situa sempre o gentio, para se acolher quando cumprir), foi a causa de se não fazer grande presa, mas mataram muitos dos inimigos, que o grande ódio não consentia, neste primeiro ímpeto, cativar.

Estes impedimentos, com o guião daquele dia se embaraçar, de maneira que lhe foi forçado mudar as adargas à mão direita, por causa da cerca, foi também causa de não se fazer muito mais, se mais há que, em se vendo uma cerca muito forte, e com sua rede por fora, e grade; que permi-

tia mais de três mil homens se lançarem a ela como leões, e a levarem logo nas unhas, ainda que com algumas poucas frechadas, porque foi tal a pressa, que não lhe deram logo lugar, nem tempo para despendarem muitas. O que sentindo o corpo do exército, e retaguarda, arrebutaram todos por chegar com os dianteiros à briga, e por mais pressa, que se deram, quando já chegaram, era acabada.

Entrando pois todo o exército dentro da cerca, que Francisco Barreto lhe tinha franqueado com a gente da vanguarda, e alojados todos nela com alguns rebates e repiques, que tiveram dos inimigos, que com presteza, e animosidade, rebateram, repousaram todos ali aquela noite, e à sua vontade, onde acharam muita farinha feita, e armas, e pólvora, para irem cercar o forte, segundo os cativos disseram.

Por um da Companhia de Jesus.

.....

Capítulo X

COMO SE TENTARAM AS PAZES COM O BRAÇO-DE-PEIXE, QUE NÃO HOVERAM EFEITO.

AO OUTRO DIA, pela manhã cedo, logo os índios se puseram às pulhas (como é seu costume) em um teso alto, defronte da nossa cerca, além do alagadiço, com os quais, por se entender serem da gente de Braço-de-Peixe, o general, que desejava ter paz com eles, e apartá-los dos petiguares, e reconciliarem-se do mal, que na morte de cento e tantos homens de Gaspar Dias de Ataíde, e Francisco de Caldas, na serra, havia pouco, com razão tinha feito, mandou descer todos da cerca, e por línguas travar práticas com eles, que estivessem seguros; e repreendendo-os de fugirem, pois só buscávamos os petiguares, com os quais nunca queríamos paz, mas com eles sim; dizendo-lhes mais que o general era homem do reino; fora das milícias do Brasil, e estava muito bem informado da sua amizade com os brancos, pelos quais sabiam quebrára a paz; e que se os capitães foram vivos, os mandára el-rei por ele castigar.

Com isso vieram em práticas, por via de índios, e boas línguas, principalmente pelo padre Hierônimo Machado, que no alagadiço com resguardo estiveram todos, mandando-lhes dar vinho, de que todos beberam;

onde concertaram, dados arreféns, mandaria ao Braço seus embaixadores, depois de jantar, assentar pazes com o general, o qual nesse meio tempo trabalhou com boa dissimulação por índios línguas descobrirem o alagadiço, se por cima, ou por baixo daria vau à gente, que sucedendo fazer conta, mandar por entre o mato tomar-lhe as costas no outeiro; mas não havendo nisto remédio, pela grandura do alagadiço, e espessura do mato, à roda, e por pouca vontade dos nossos, ao meio-dia vieram três índios do Braço a tratar das pazes, que foram ouvidos na tenda no general. E examinado por línguas e pelo capitão Simão Falcão, e feitas todas as diligências, e ostentações e artifícios, que pareceram necessários, por o Braço e os seus terem consigo muitos petiguares, juntamente com o medo de suas próprias culpas, nada bastou para os assegurar. E assim tornando-se à tarde, quiseram lá manter os arreféns, e ficou a guerra rota, que os imigos, estimando pouco, esquentaram toda aquela tarde com 30 e tantas espingardas, e muitas frechas; ao que ainda querendo atalhar o general para os designar, mandou sair, por sua ordem, todas as companhias, e gente, por uma campina, entre a cerca e o alagadiço, que naquela manhã, para o que sucedesse, tinha mandado roçar.

Estendidos por ali todos os índios, por si lhes mandou dar mostras de dois berços, que trazia em carro, e bem varejados em uma caiçara (tranqueira, d'onde os negros pelejam, e se defendem), que no cume de um pico, no cabo de uma queimada, os imigos haviam feito: e com outros muitos assombros, nada bastou para quererem paz. Com isto se resolveu o general em lhes dar ao outro dia batalha, mandando aquela tarde fazer muitos feixes de faxina; que ao longo da cerca haviam cortado, para que, com as pontes, que o gentio no alagadiço havia feito, passassem da outra banda. E assim receosos muitos no arraial, ou medrosos de por todas as partes, naquela tarde e noite sentirem gentio trabalhar, cortando nos matos para seus reparos, e contínuas reboarias, de que muito usa, não foi nada aprazível ao arraial esta determinação do general, o que se viu melhor no conselho, que se teve aquela noite na tenda do general, que foi assaz vário e confuso; e a seus braços se assentou ficassem ali as duas partes do arraial; e, a petição de todos, ficou Francisco Barreto ali com eles, e ele a pé como o terço logo nomeado para ir dar nos imigos no pico, ficando cá tudo provido para o que sucedesse: e assim foi a muitos bem triste e espantosa noite aquela, quanto o dia seguinte formoso e alegre; que tal é o mundo!

.....

Capítulo XI

COMO FOI DESBARATADO O PICO DO BRAÇO-DE-PEIXE.

O

UVINDO MISSA, ao outro dia pela manhã muito cedo, partiu o general com as companhias de vanguarda somente, e o guião de cavalo de Antônio Cavalcanti, que mandou ao roçado, e em uma queimada andar da nossa parte do alagadiço, para por ali arrebentar alguma cilada, e nos tomarem as costas. E levando o padre Hierônimo Machado um crucifixo diante, acharam no alagadiço muito estorvo, por de noite os imigos cortarem muitas árvores, com o que o atravessaram, e embarcaram tudo.

Com isto, e com andarem muito soltos, pela queimada da outra banda, às frechadas e arcabuzadas, se passava devagar, e havia muito receio; e com a pressa e o peso da gente se não ajudarem das foices os gastadores e machados, nem ordenarem bem a faxina, que cada um trazia, chegou a cousa a tanto, que foi necessário ao general agastar-se com alguns; e mandando ficar a companhia de Ambrósio Fernandes, que, subindo, houvera de tomar à parte direita, e ficando com ordem se não bulissem do alagadiço, até todos serem em cima, arrancou da espada, jurando havia de escalar o primeiro que falasse, se não obrassem todos como esforçados, isto é, metter-se apressado ao passo, carregando nas costas dos dianteiros. Fez passar

uns às vezes por cima dos outros, e tomar a ladeira acima. Bem depressa muitos, pela aspereza da costa, e pedras, com que também lhes tiravam, se detiveram mais de um grande quarto, depois de se recolherem os imigos no forte, que por arte e por natureza o estava.

Assim subiam os nossos em pés e mãos; e aferrando todos à cerca, não a acabavam de render; o que vendo o general, tomou um inglês, que levava consigo armado, e subindo-o às costas em cima da cerca, com uma formosa lança inglesa de fogo acesa, fez tais terremotos, deitando infinidade de pelouros, que dentro em si tinha, que despejaram os imigos por ali; e derrubando os nossos, duas outras braças de terra, que todos tinham cortado, caiu de romanja, tomando alguns debaixo, mas sem perigo, com que entrando, não parou mais imigo, e os foram seguindo um pedaço, ainda que o ruim caminho e impedimentos, que para este tempo os imigos tinham feito, que para nós era muito, que eles são bichos do mato, foi causa de escaparem muitos; o que ordenou assim Deus para nos ficarem, como agora os temos, por amigos.

Corridos assim o mais, que os nossos puderam, mandou o general queimar toda a caçara e madeira; e assolado tudo, se tornou para seus companheiros à cerca, que o vierem receber fora com grandíssima, e demasiada alegria, parecendo a todos seria o negócio concluído: e assim com o *Te Deum laudamos* o levaram a uma ermida de rama, no meio da cerca, onde diziam missa; e no mesmo dia à tarde houve um rebate da banda do Tibere, a que alguns capitães acudiram desordenadamente; e por ser a revolta grande, mandou o general a Francisco Barreto os fosse recolher o que fez muito bem, e com muito acordo, por que em a escaramuça, que se travou, foram mortos alguns petiguares, sem dos nossos haver ferido: e por não ser já de efeito a estada ali, ao outro dia mandou pôr fogo à cerca que toda ardeu; e com todo o exército pelo rio Tibere abaixo foi seguido os imigos, e fomos dormir dali duas léguas, onde se agora chama as Marés; e buscando ali tudo, por se entender haverem dado volta os imigos pela campina, juntando-se com os petiguares, arrancando todos os mantimentos, que ali foi possível, que foi a maior guerra, que se lhes pôde dar, nos tornamos acima (deixando queimadas duas aldeias que ali tinham) a buscar outra cerca, que acima do Tibere tinham nova, e do gentio principal, por nome Assento de Pássaro, aonde antes de chegarmos ao 3º dia pela manhã,

com o embaraço de ruim caminho, que se ia abrindo pelo mato e brejos, se deteve tanto a vanguarda, que, depois de muitos recados, foi forçado ao general, com o ouvidor da capitania, Francisco do Amaral, que sempre os seguia, cortar a gente, apeando-se para poder melhor passar avante, e ia rompendo a ver o que era.

Chegou aos dianteiros, que com um ruim passo, e imigos corretores, que se atravessaram diante, se detinham. Vendo isto o general, com presteza pôs, além de um brejo, 6 arcabuzeiros, e alguns índios, por força, por todos temerem: e passando ele em pessoa da outra banda do brejo, fez à pressa deitar grandes ramos de árvores, e algumas inteiras, com que em breve, intertendo os imigos com algumas arcabuzadas, e cevando-se sempre de gente, que contínuo ia passando, segurou o passo: e mandando logo recado ao exército marchasse depressa, por ele entender ser aquilo detença dos imigos, para melhor despejarem entretanto a cerca do mulherio e filhos, como de feito era. E ainda que o general, com toda a pressa, com a vanguarda marchou, e se adiantou a os seguir, já acharam a cerca que era grande e forte, despejada; ainda que em alguns velhos, e fêmeas, que não puderam fugir se vingou o nosso gentio; e ali repararam aquele dia e o outro, porque com os muitos alagadiços, e diversidade de opiniões dos caminhos, que ninguém sabia (e não se espante alguém, pois até esta jornada, as de antes foram estradas de cegos, em que era forçado ir por cima e fugir pela praia) e assim, com estas dúvidas e informações, se resolveram tomar o Paraíba abaixo, buscar o passo para o Forte, aonde se assentaria o que cumpria.

Ali vimos uns grandes labirintos (certo que, ainda que de bárbaros, muito para notar) que os nossos imigos tinham armado pelo caminho, que ia ter a esta cerca, que era a estrada. E certo que fazia admiração os foios, que chamam mondes, trincheiras entulhadas de terras, cegas de rama, e muitas encontradas uma com outras ao longo do caminho pelo mato, e tão cortado e embaraçado destas cousas, que, a não haver grande cautela, 50 bastavam a 5.000; mas de tudo Nosso Senhor nos guardou e desviou.

Passado embaixo o Paraíba, dali a 3 dias chegamos ao forte, que era coisa piedosa de ver, assim o danificamento, como as pessoas dos soldados, que bem mostravam as fomes, e misérias, que tinham passado, como as ruínas, que, por ser de taipa, havia tudo mister reparado!

E logo na tarde, que aqui chegamos, instou muito o general com Frutuoso Barbosa, para que quisesse ir duas léguas acima, junto das Marés, aonde havia muitos mantimentos, da parte do sul do Paraíba, aonde ora está a cidade de N. Sra. das Neves fazer povoação; para o que lhe juntava 80 homens, e índios os mais que pudesse, e se oferecia estar com ele 6 meses, e outros seis seu cunhado Francisco Barreto; mas nunca se pôde acabar com ele; e por autos, que se disse fizeram, desistiu de tudo, dizendo não estaria mais uma hora no Paraíba.

Por cima de tudo isto determinou o general fazer no dito sítio (que logo a todos pareceu bem) a povoação, que, aquentada com o Forte, era coisa fácil sustentá-la para o que cometeu a Pedro Lopes, e outros, mas não pôde concluir. E por não perder tempo mandou ao capitão João Pais com 300 homens de pé, e de cavalo, correr a baía da Traição, que no mesmo dia partiram.

Não contarei as diferenças, que teve aqui o capitão Simão Falcão sobre o generalado desta ida, que, depois de muito sofrimento do general lhe custou deixá-lo preso no Forte; e outra que teve o alcaide com Fernão Soares, capitão dos mercadores, e outras muito graciosas, de que foi causa o muito refresco, que ali acharam nos barcos de mais (que não são de minha obrigação) por cada um ali ter os seus mimos, e provimento, nos barcos, que eram chegados.

.....
Capítulo XII

COMO JOÃO PAIS FOI À BAÍA DA TRAIÇÃO.

P

ARTIDO João Pais, e desenganado o general não haver quem, por nenhuma via, ousasse, nem prestasse para o que pretendia, que era po-voar; pois os fortes, e gentes, e tantos gastos só a esse fim tiravam, com assaz paixão se determinou ir no outro dia pela praia, com a gente que lhe ficou, juntar-se na baía da Traição com João Pais, porque assim levando um campo por cima e outro por baixo, não ficasse nada em meio, e juntos seguirem por alguns dias os inimigos, ao menos para os encontrarem, e enxotarem, ainda que lhe contradiziam isto quase todos, por recearem o perigo, vendo-se tão poucos, mas determinado partir na baixa-mar do outro dia, parece que foram os pecados dos ruins ares d'aquelle sítio, onde o forte estava, porque subitamente naquela noite adoeceram 12 pessoas com estranhas dores de barriga, e câmaras, entre os quais foi Francisco Barreto, e o padre Simão Tavares, e outros de muita importância, com o que houve detença de 2 dias; e vendo que não melhoravam, se embarcaram alguns, pelo que lhe foi forçado levantar o arraial, e tomar acima 2 léguas em um

campo muito formoso e aprazível, sítio de muito boas águas, a que puse-ram nome o Campo das Ostras, pelas muitas que ali acharam do rio, com que se todos refrescaram; e em 6 dias, que ali estiveram, esperando por João Pais, alguns se refizeram.

Chegado ele, e juntos outra vez todos, e sabido que, na baía da Traição, lhe não ousaram os imigos esperar, ainda que lhe queimaram muitas aldeias, e arrancaram mantimentos, fizeram-se aqui dois outros conselhos, para se dar ordem no que se devia fazer. E por termos por certo que os tabajares do gentio, e petiguares, por causa das rotas, que lhes tínhamos dado nesta jornada, estavam já desavindos de todo, e os petiguares haviam quebrado a cabeça a alguns tabajares, dizendo que eram manemos, que quer dizer fracos, e que os não haviam defendido de nós, como lhes tinham prometido, e estavam obrigados, por terem tomado de aposento as nossas fronteiras; e em fim, por suas malícias de algumas espias, que se tomaram aqueles dias, se soube ir muito longe já o Braço-de-Peixe com os seus, e os petiguares se andarem juntando para lhe irem dar nas costas, com isto se resolveram todos era bom deixá-los, já que por si se queriam gastar, antes convir muito avisar por alguma via Braço-de-Peixe, que lhe daríamos socorro contra os petiguares, e que se não tornasse à serra; e outros mimos e perdões de todo o passado.

Em muito segredo o general fez fugidiço um índio, seu parente, com grandes promessas se o aquietasse, e fizesse tornar o Braço ao mar.

Com essa ordem, e provido o forte de mais de 20 homens, e com lhe deixar ao capitão Pedro Lopes à custa do general, e os prover do seu, como melhor pôde, que lhe vi deixar as pipas de farinha, e de biscoito, e vinho, e sardinhas, provimento para dois meses, que se há de entender era tirado de sua bolsa, por que em todo este tempo, o negócio era assaz custoso, em nada e por nenhuma via entrou fazenda d'el-rei.

E com esta ordem, e se esperar até por todo o maio não poder tardar recado de S. M. acerca do forte, que então fazia um ano, que ali estavam, quão mal provido, e sem ordem, nem aviso seu, se partiram todos para a vila de Olinda com muita festa, ainda que o ouvidor-geral Martim Leitão, que já não chamarei general, se não quietava, nem contentava, dizendo não ter feito nada, pois não ficava levantada povoação no Paraíba, e tudo o da guerra de todo concluído, como se fora poderoso para tamanho

negócio, em que nosso senhor o tinha tanto favorecido, mais que a todos os que até então se tinha metido nisso.

Desta maneira entraram na vila de Olinda, em som de guerra, postos em ordem, acompanhando todos o ouvidor-geral até sua casa com estranho tumulto, e festa, que foi o maior e mais honroso recebimento, que nunca Pernambuco teve, nem sei quando já terá, que foi a 6 de abril de 85.

Um da Companhia de Jesus.

.....
Capítulo XIII

COMO O CAPITÃO CASTREJÓN FUGIU,
E LARGOU O FORTE, E O OUVIDOR-GERAL O PRENDEU,
E AGASALHOU OS SOLDADOS.

O

1º DE JUNHO do mesmo ano de 85, chegou nova a Pernambuco de que era chegado a Tamaracá e capitão Pedro Lopes, que o ouvidor-geral Martim Leitão deixara, com alguns portugueses, no forte do Paraíba, em companhia do alcaide, e que trazia algum fato, e que todos publicaram despejarem-no de todo logo, e que em secreto buscavam piloto para de lá os levarem com os espanhóis às Índias: e como o ouvidor-geral andava tão pronto, e receoso destas cousas, logo pela posta mandou buscar Pedro Lopes, do qual informado, em quatro dias concluiu com ele se tornasse a assistir no forte, como o deixara, com alguns filhos da terra, e gente, no qual estivesse até janeiro, com obrigação de lhe darem a cada mês 50 cruzados, porque não seria possível deixar el-rei então de avisar e prover, por cuja falta se despovoava isto.

Difícilmente aceitou Pedro Lopes, mas com promessa de qualquer achaque, com que o Castrejón viesse, o deterem, porque, por sua má condição, fugiam também dela. E feitos autos com a câmara, e aceitado

isto, saiu outro muito maior inconveniente de todos, que foi o resolver-se o provedor Martim Carvalho, que então mal provia o forte, o não querer mais fazer por nenhuma via, nem nisso entender, e assim o respondeu por autos públicos, que assaz nisso repetiu o ouvidor-geral; e assim ficou tudo desarmado, e se concluía pior, se o ouvidor-geral não tratara este negócio por via de empréstimo, com que logo mandou ao capitão Pedro Lopes fizesse rol do que havia mister para o provimento de 100 homens em 6 meses; e feito, e somado em 3000 cruzados, os mandou logo tomar, e repartir pelos mercadores, que tinham as cousas necessárias, aos quais se satisfazia com créditos de João Nunes, mercador.

E tomado navio, e aviados, por não suceder no forte fazerem o alcaide com os espanhóis abalo, lhes fez escrever da câmara com muitos mimos, e certeza de serem agora muito melhor providos, pois haviam de correr por eles livres de Martim Carvalho, que muito deviam estimar. O mesmo lhes escreveu o ouvidor-geral; e com estas cartas se foi Pedro Lopes aviar à sua casa à ilha Tamaracá, aonde o havia o navio e gente ir tomar de caminho, e ele entretanto avisaria o alcaide.

Ou o Diabo o tecesse, ou o tivessem com amigos, e com os espanhóis, já tratado, Pedro Lopes não avisou ao forte, nem mandou as cartas, indo disso tão encarregado, e as teve em seu poder sem as mandar, se fala verdade Pedro Lopes, desde 8 de junho até 24, que estando tudo a pique para no outro dia partir o navio, e de caminho ir pela ilha, se começou a dizer serem chegados castelhanos, do forte à ilha, dizendo vinha o alcaide atrás, e deixavam tudo arrasado.

A isto, que em breve encheu a terra, se juntou toda a vila às avermarias em casa do ouvidor-geral (cousa lastimosa!), porque os homens costumados já com o forte, principalmente os fronteiros, a algum repouso, andavam pasmados. O ouvidor-geral, que nestas cousas não dormia, assentou se juntassem logo pela manhã no colégio, bispo, capitão, D. Filipe, câmara, provedor Martim Carvalho; e na mesma noite expediu os seus oficiais, que fossem buscar o Castejón, e lho trouxessem preso a bom recado, como fizeram; e nas perguntas não deu outra razão senão da fome, e não ter aviso, que era assaz fraca, pois para a fome confessava com muita seguridade, depois da guerra, que havia dado o ouvidor-geral não apareceu mais imigo, e irem os barcos, que lhe havia deixado, pelo rio acima buscar mantimentos, que era

assaz provimento, e a tardança foi pouca, mas deviam de estar enfadados, e vingaram-se em deitar a artilharia ao mar, e uma nau, que lá estava, ao fundo, e pôr o fogo ao forte, e quebrar o sino; e com isto se vieram à vila, como quem não tinha feito nada; e por nossos pecados, que sempre desfazem o bem, e ajudam o mal, assim lhe sucedeu depois, porque no reino de Casteljón, aonde o ouvidor-geral o mandou, por mandado d'el-rei preso saiu ele bem, e o ouvidor-geral não sei como! São frutos do tempo!

Ao outro dia pela manhã, juntos em modo de conselho no colégio, houve algumas dúvidas, com que o bispo, e outros, movidos de quão mal do reino se respondia a tanta importância, dificultavam a empresa que em verdade estava mais duvidosa que nunca, por ser sobre tantas quedas, e cá se consumirem tantas vezes os nossos, e se recearem franceses, que nunca ali faltam, e os petiguares se refazerem no nosso forte; pelas quais causas todos diziam que nunca na terra, sem grossa mão do rei, haveria força para os deitarem dele, do que em ninguém havia confiança, por serem iguais no medo, antes em todos desmaio grandíssimo, e mormente pelo desamparo, com que os oficiais da fazenda haviam largado de todo o negócio de tanta importância, se o ouvidor-geral Martim Leitão, todo acceso em cólera e fervor com que andava, e com muitas razões os não persuadira a de entre si elegerem um homem, que com 150, que se ofereceu a buscá-los, e gentio com a despesa e virtualha, que estava buscada, tornasse logo a recuperar o perdido; e senão ele, com os seus, e amigos que pudesse, estava determinado a se meter no nosso forte, arruinado por os que tinham obrigação de defender: e isso com tanta veemência, e requerimentos, protestos e ameaças da parte de S. M. que os espertou, e aviventou, e assim elegeram ao capitão Simão Falcão, que pareceu pessoa para isso, por Frutuoso Barbosa em nenhuma maneira querer aceitar essa empresa, com estar a tudo presente, do que Simão Falcão foi logo avisado; e o ouvidor-geral com pregões, indústria e suma diligência, juntou todos os espanhóis, que do forte vieram, e ao presente na terra havia, dos quais fez duas esquadras de 42, que ajuntou em umas casas, a que cada dia fazia prover de ração ordinária, de sua casa e á sua custa, não se esquecendo, por via dos padres da Companhia, encomendar este negócio muito particularmente a Deus, esperando ainda algumas boas novas da inteligência do Braço-de-Peixe (como atrás disse); que Deus acode, e provê tudo.

.....

Capítulo XIV

NOVAS DO BRAÇO-DE-PEIXE, E PRINCÍPIO DAS AMIZADES.

H

OUVE neste mês de julho alguma dilação, pelo juntar da gente, a qual nestas partes é muito dificultosa cousa de juntar para a guerra, mormente para esta tão cansada, e por adoecer Simão Falcão tanto ao cabo como esteve.

No fim deste mês chegaram 2 índios de aviso de Braço-de-Peixe ao ouvidor-geral, pedindo-lhe socorro contra os petiguares, que, tornando-se pelo seu recado para baixo ao mar, o cercaram por vezes, e tinham quase desbaratado. Neste próprio dia investiu Martim Leitão os índios, e se foi dormir ao Arrecife, com João Tavares, escrivão da câmara, e juiz dos órfãos; e ao parecer de todos pareceu mais conveniente, e por serviço d'el-rei, e por ele rogar, aceitou socorrer-se, como, havia anos, ao mesmo Braço no sertão havia feito; e assim, com 12 espanhóis bem concertados e satisfeitos, e 8 portugueses, em uma caravela equipada e concertada para tudo, com algumas dádivas, e bom regimento, partiu do porto de Pernambuco, a 2 de agosto de 1585; e aos 3, chegou pelo rio acima em fala do gentio, aonde se viu, com seu resguardo e bom recado, conforme ao regimento que levava, com o Braço-de-Peixe, e mais principais, no porto, que agora é a nossa cidade, e os antigos chamaram da Casaria.

Assombrados os petiguares, primeiro com alguns tiros, presumindo mais força, fugiram e assentaram as pazes; e dadas suas dádivas e arreféns, saiu o capitão João Tavares, dia de Nsa. Sra. das Neves, por cujo respeito depois se pôs esse nome à povoação, e a tomaram por patrona, e advogada, debaixo de cujo amparo se sustenta; e ordenaram um forte de madeira com as costas no rio, onde se recolheram.

Avisado logo o ouvidor-geral, se alvoroçou toda a vila, e moradores destas capitâneas, parecendo-lhes, e com razão, eram já todos seus trabalhos acabados, e depois de muitas graças a Deus sobre isso, chegaram os línguas por terra, com obra de 40 índios, com embaixada do Braço-de-Peixe e dos principais, aos quais todos o ouvidor-geral em sua casa agasalhou, vestiu, e festejou, vestindo os cabeças, e avisando o capitão João Tavares do que devia fazer, mandando-lhe mais 25 homens de toda a sorte, por os espanhóis estarem ainda muito enfermos, e mandando-lhes vestidos finos para os principais, e grandes mimos; e todos muito contentes os tornou a mandar, e com grandes defesas não houvesse nenhum gênero de resgate, de que o ouvidor, como experimentado, é muito imigo, e com razão, que isso é o que dana e estraga o Brasil.

.....
Capítulo XV

A SEGUNDA JORNADA DO OUVIDOR-GERAL,
E COMO SE FEZ O PRIMEIRO FORTE.

PARA se fortificarem estes povos com os índios, de que Deus, por indústria do ouvidor-geral Martim Leitão, nos tinha feito, pareceu necessário não se perder tempo, antes importava a toda fúria ir-se fazer um forte, e recuperar a artilharia e assentar a povoação, por se os franceses neste verão não virem fortificar, no que Francisco de Castejón deixara; para o que por todos foi assentado que ninguém podia fazer todas estas cousas, senão o ouvidor-geral Martim Leitão, ao qual o pediram e requereram todos; e ele aceitou, por serviço de Deus e d'el-rei, e por bem destas capitánias.

Assim se partiu para Paraíba, a 15 do mês de outubro do mesmo ano, com alguns amigos, e seus oficiais, e criados, que fariam número de 25 cavalo, e 40 de pé, levando pedreiros e carpinteiros, e todos o recado necessário para fazer forte, e o que mais cumprisse; e chegou lá aos 29, onde foi grandemente recebido dos índios e brancos, que aí estavam; e aos principais que vieram uma légua recebê-lo, abraçou um a um com grande festa; e fazendo apeiar os de sua casa, os fez ir a cavalo, e alguns, pelo que tinham passado com os brancos, tremiam de maneira, que era necessário i-los sustentando na sela.

Com este triunfo os levou por meio de suas aldeias bem vestidos, com o que lhes havia dado, com o que uns choravam e outros riam; coisa muito para ver! E logo em essa noite se informou dos sítios, e particularmente em segredo tinha encomendado lhe buscassem com todas as comodidades necessárias para povoação, a Manuel Fernandes, mestre das obras d'el-rei, Duarte Gomes, João Queixada, e outros, e o capitão, que todos estavam para isso dele prevenidos em segredo, mas encontrados nos pareceres dos sítios.

Ao outro dia o ouvidor-geral, ouvindo missa antes de sair o sol, que caminhando, e andando nestas jornadas, sempre lhes dissemos, foi logo ao pé ver alguns sítios, e à tarde a cavalo até o ribeirão de Jaguaripe, para o cabo Branco, e outras partes, com o que se recolheu à noite enfiado, encomendando isso na manhã que, vinha a Nossa Senhora devotamente, foi Deus servido à sua intercessão, como padroeira daquela nova planta, concluiu que assentasse naquela parte sobre o porto, onde agora está a cidade, planície de mais de meia légua, muito chão, de todas as partes cercado d'água, senhora do porto, que com um falcão se passa além. É ribeira d'água doce entre ela, e o porto, que é singular, e tão alcantilado, que da proa de 60 navios de tonéis se fala em terra, donde sai um poderoso torno d'água para provimento das embarcações, que a natureza ali pôs com maravilhosa arte, e muita pedra de cal, aonde logo mandou fazer um forno dela, e tirar pedra um pouco mais acima, mas perto; com que visto tudo muito bem, e buscando o mato daquele sítio, e tudo roçado e limpo, a 4 de novembro se marcou o forte, de 150 palmos de vão em quadra, com 2 guaritas, que jogam 8 peças grossas, uma a revés da outra e alicerces de pedra e cal, para cujo princípio se fez de ostra e pedra, com 2 juntas de bois, e com uma dúzia de vacas, que levou para inçar a terra, além de muitos porcos, cabras, e todas as criações, com que procurava afeiçoar os homens à terra. E certo que até as galinhas, que levavam para si e doentes, dos quais sua casa era a botica, repartiu por todos; e com os carros, e trabalharem mau e bons com seu exemplo, que um e um os chamava de madrugada, e apelidava à obra, e repartia uns na cal, outros no mato com os carpinteiros, outros nos pedreiros, e uns nos serradores, barro, e taipas, porque os alicerces e cunhais só eram de pedra e cal, e o mais de taipa de pita, de quatro palmos de largo; para o que mandou logo fazer oito taipais

para todos trabalharem; e era para ver a porfia, e inveja em que os metia, cevando-os com sua afabilidade, e com trabalhar mais que todos, com o que duravam na obra de sol a sol, sem descansar mais que a hora de comer; em que o trabalho e continuação vieram a ser tantos, que todos desejavam adoecer, para ter repouso.

Chegando pois a obra, em duas semanas de serviço, a estado defensivo, logo lhe mandou pôr a artilharia, que neste meio tempo, com espantoso trabalho, e indústria, por búzios, que para isso levou, se havia tirado do mar, sem se perder peça, que foi cousa milagrosa! Só as câmaras faltaram; com seis, que ajuntou em Pernambuco, e levava já com esse pretexto, com dous falcões, que foram por mar com os caravelões da matlotagem, se remediou o negócio; e depois por desastres só acharam lá mais duas câmaras.

Assim assentada a artilharia, e feito o possível, ordenou, por não se perder tempo, de que é muito imigo, e o nosso gentio não esfriar, como já começava, fosse João Tavares, e Pedro Lopes com toda a gente, dar uma boa guerra às fraldas de Capaoba; e assim ficando-lhe somente aí os seus moços, e oficiais da obra, e Cristóvão Luís, e Gregório Lopes d'Abreu, foram todos os mais, onde andavam 13 ou 14 dias unicamente, e se tornaram com apenas destruírem 4 ou 5 aldeias, cuja vinda tão apressada o ouvidor-geral sentiu muito, e logo determinou concluir o mais em breve que lhe fosse possível, pelo que em seu peito tinha determinado; a saber, a obra e torre, que fazia para o capitão, sobre a porta do forte com duas varandas, cousa nobre, e uma grande casa para armazém, sobradada, para gasalhado do almoxarife.

Um da Companhia de Jesus.

.....
Capítulo XVI

COMO O OUVIDOR-GERAL FOI À BAÍA DA TRAIÇÃO.

ASSIM posto isto em boa ordem até 20 de novembro, deixou aí Cristóvão Luís com os oficiais e gente necessária que foi mais do que convinha; porque João Tavares, que nos dias atrás foi, levou mais de 100 homens, e ele se partiu com 85, e 180 índios do nosso gentio; cousa assaz temerária, e que todos lhe procuravam estorvar por todas as vias, com roncadas de estarem decerto naus francesas na baía da Traição, e com se fazerem muitos doentes: e alguns, de tantos trabalhos e maus comeres, o estavam de siso. E com isto, e com lhes amotinarem uns 35 soldados espanhóis que havia, os quais lhe chegaram a fazer requerimento, sobre isso; acendeu-se o ouvidor-geral de cólera, por também lhe não guardarem o devido respeito, e se soltar um, de alcunha Pais, mais do necessário, que já também havia aí posto o arcabuz nos peitos do capitão João Tavares, pelo que o ouvidor-geral o mandou tomar, e à porta do forte, em presença de todos, lhe mandou dar alguns açoites até nós acudirmos, porque saibamos quanto ele folgava de intercedermos.

Nesse dia partimos, e foi gentil mezinha, porque não houve quem mais boquejasse! Fomos do forte dormir ao Teberi, e daí ao campo

das ostras, aonde nos juntamos com o nosso gentio, metendo-nos o ouvidor-geral em cabeça que era dobrado, e com só 6 alqueires de farinha, que todos nós levávamos de comer para 2 dias, ao que respondia com muita festa que o fôssemos buscar entre os imigos, pois nem no forte o havia, e para terra de gente viva íamos.

Assim fomos daí assaz descontentes todos, e pelos cabelos, à água, que chamam do camelo; e depois do sol posto chegados ao rio Mangape, que são grande 8 léguas, com o que, nós, e os negros da fardagem íamos mortos; e por ser a maré cheia, e havermos de ir dar de noite em umas aldeias, que estavam perto da outra parte do rio, esperamos, e conzinha dar aquela pressa, por os imigos que havíamos achado atrás na campina, lhes não darem primeiro aviso. E assim passamos sem ceia, e moídos do trabalho do dia, com os cavalos pela rédea e as mãos na boca, por não jejuarmos.

Como a maré deu lugar, depois da meia-noite, passamos todos, e por não nos perdermos, ou as aldeias com a noite, nos deitamos ao som de um grande chuveiro, que nos veio para de todo ninguém ter repouso, e com a pressa de somente cobrirmos as selas, e adargas, esperamos a manhã, na qual logo marchamos com boa ordem e recado; e as 10 horas demos com um grande golpe de gentio, que, com o seu medonho e costumado urro, atroou aquela ribeira, bastante a fazer pasmear outros exércitos, e não 80 e tantos homens, em que entravam 18 de ruins cavalos, e esse pouco gentio, que todos não fazíamos 300 de peleja! E assim era para dar graças a Deus a confiança de Martim Leitão, e a festa com que ao urro tornou, dizendo – Temos o que buscávamos! A eles! – O qual assim queria cobrir a cada um, como se todos foram filhos.

Passada a primeira nuvem de frechas, que Deus desviou de nós, todos nos serramos em esquadrão, bem cobertos os poucos arcabuzeiros, que havia, com os rodeleiros, por sermos todos tão poucos que tudo se podia bem ordenar. E assim remetendo o ouvidor-geral com os de cavalo, que andavam à roda, por o sítio dar lugar a tudo, e passada aquela estropiada com alguns 15 arcabuzeiros que os seguiram, dando nos imigos, se espalharam eles pelo mato, e só obra de 60 foram fazendo animosamente rosto diante duma poderosa cerca, que estava à vista, que era tal, que certo nos assombrou a todos, e a se não ver, no meio da briga, em tempo que ia

a fumaça da contínua arcabuzaria, e grita, e frechas, que não davam lugar a cuidar, fizera em todos maior abalo. E começando o ouvidor-geral a repartir a gente em 2 partes a tiro de arcabuz, para logo cometermos, vimos alguns da vanguarda entrar pelas portas, ao que acudimos todos vendo-as abertas, e os imigos varados pela outra parte, aonde umas grandes ribanceiras e brejos lhes seguravam as costas, com o que se salvaram, seguindo-os somente alguns do nosso gentio, e corredores brancos, que todavia sempre foram matando, afora os que atrás no recontro ficaram mortos, que não foram poucos; nem é possível fazer aqui lembrança do que cada um fez, porque todos o fizeram honradamente, ainda que nestes sobressaltos não faltam bons entremezes, e às vezes dos roncadores, com que ficam mais graciosos.

Aqui repousamos aquele dia, que todo se gastou em festas, e contentamento de nos vermos tão poucos e tão valentes; com o que cada um se prometia bastar para todos os petiguares: e certo que aqui experimentávamos como um bom capitão, de ovelhas faz leões! Curamos os feridos do nosso gentio, de que, para melhor, nenhum morreu, posto que muitos seguiram o alcance dos imigos até alta noite, que tornaram, e nos acharam às portas da cerca, que era muito grande, repartidos, vigiando por haver naus imigas na baía da Traição, que estava perto, e pelo rio Alangape em 2 horas podia vir ao imigo socorro de franceses; e vendo-nos tão poucos, refazerem-se; mas recolhidos já todos, repousamos, que se há de entender sempre com boa vigia, que nisso foi o ouvidor-geral sempre mui pronto, correndo de noite muitas vezes todas as estâncias, tão severo, que nada lhe escapava; e por isso dizia ele muitas vezes que antes queria poucos, que a toda hora os via, que muitos; e mais nestas partes, onde a soldadesca não é disciplinada, nem tem as partes necessárias.

.....

Capítulo XVII

DE COMO CHEGAMOS À BAÍA DA TRAIÇÃO,
E PASSO DE NOITE MILAGROSO.

T

ODO o outro dia gastamos em ver esta cerca, que era uma fortaleza muito forte, que cuida nunca se fez outra tal no Brasil; e bem mostrava ser obra de franceses, porque tinha 3 muito grandes guaritas de 40 palmos de alto, de cima das quais de cada uma podiam pelejar 40 homens; e assim a passeávamos o padre Francisco Fernandes, e eu, muito à vontade: fora, tinha 7 cercas de rede umas sobre as outras em mil voltas e caracol, que era um labirinto, que se perdia homem nelas; e armadas muitas aboízes de grandes árvores, que, tocando-lhe um pássaro, desarmavam e arrastavam 20 homens. Tinha algumas 6, ou 7 tranqueiras para berços; mas Deus lhes tirou o ânimo, e nos ajudava, que então tudo eram devoções e cristandade.

Houve aqui diferentes pareceres, por ninguém querer chegar abaixo à baía da Traição, dizendo estarem lá 12 naus, e que com franceses, e gentio, que já estaria muito mais junto, se não devia cometer, que era tentar a Deus: que déssemos volta com o feito, e bastava tomarmos-lhes na barba a mais poderosa cerca, que se nunca viu. Nisto estavam todos: mas o ouvidor-geral, vendo que se não armavam a outra cousa, não quis

concluir; e logo pela manhã, com dissimulação, e achaque do correr o campo, mandou a Duarte Gomes com 5 homens de cavalo, e outros tantos arcabuzeiros para os tomar nas ancas, cumprindo que alguns 40 índios, aos quais em segredo deu ordem, lhes fossem descobrir a baía da Traição, que por terra era dali 4 léguas; e sucedendo qualquer cousa, se recolhessem em Porto Seguro, e avisassem correndo, que logo lá era.

Assim foram, e no caminho tomaram dous índios; e por se terem dum, que lhes fugiu, e lhes poderem também sair duma nau, que com sua lancha viam somente, que se recolheram debaixo duma grande árvore; e Duarte Gomes à rédea solta tornou a avisar, e chegaria a nós com duas horas de sol; e como o ouvidor-geral parece o esperava, em breve nos fez a todos partir, dizendo que lhes acudíssemos, ou fôssemos morrer com eles, e mais, pois lá não havia mais que uma só não; como se dela, por ruim que fosse, não poderá sair tanta e melhor gente da que levávamos, e com tanta multidão de gentio.

Só houve a demora de encomendar a Deus e pôr ao caminho, como cada um pôde; e tendo andado até meia-noite com assaz blasfêmias contra o ouvidor-geral, de quem todos à uma arrenegavam, porque qual chorava os filhos, qual a mulher, ele os ouvia, mas como fazia escuro, mudava-se duma parte para a outra, pelo não verem, e outras vezes falava alto com os outros para lhes fazer vergonha: e assim bem moídos do ruim caminho, que ele, e todos fomos a maior parte a pé, chegamos aos companheiros, aonde tudo se gastou em nos fazer calar, e saber da maré, porque havíamos de passar o rio Manguape, da outra parte do qual, ou os que a isso foram por vezes, o medo cegava para não verem, aonde todos estávamos avejados e cortados do pouco sono, e comida, que neste tempo já era farinha-de-guerra somente e pouca; e do muito trabalho ninguém atinou com as horas da maré! Estando um tiro de pedra dela, a fomos demandar na boca do Manguape na maior força; e assim ainda que alguns dos primeiros não nadavam, todos os mais foram nadando; aonde foi cousa milagrosa não morrer nem homem, nem mulher, porque proveu Martim Leitão que naquele passo, que seria um bom jogo de barreira de largo, andasse 6 ou 7 homens de cavalo, dos quais ele foi o primeiro, de uma parte a outra levando de cada vez 3 e 4, pagados ao cavalo e à lança; e muito nadadores, nos quais se pegavam os que não sabiam, que foi espantoso trabalho, por ser

grande o escuro com um chuva, até pela misericórdia de Deus, se porém todos da outra banda, sem se perder cousa alguma, salvo a bandeira de Gregório Lopes de Abreu, capitão da vanguarda, que se aqui, por não saber nadar, houvera de afogar; e não foi o pior desta jornada, antes João Tavares, e ele Antônio de Barros Rego, e Francisco Pereira era todo, e pelos quais o ouvidor-geral sempre puxava, e pelo seu meirinho Heitor Fernandes, Francisco Madeira, Miguel Ribeiro, João Nunes, Duarte Gomes, Simão d'Andrade, João Antônio Pamplona, o licenciado André Magro d'Oliveira, Antônio Lopes de Olivença, Gomes Martins, e os de sua casa: estes poucos eram os de cavalo, que a tudo sempre supriram. E assim demos muitas graças a Deus em nos livrar de tal passo sem nenhuma perda, do que o ouvidor-geral andava doudo de prazer. Depois lhe ouvi dizer que nunca cuidara que era para alguma cousa, senão então, porque na briga o som do arcabuz aviva o espírito; mas aqui era pelejar com elementos, que é guerra mui diferente da dos homens.

.....

Capítulo XVIII

COMO DERAM NOS IMIGOS.

PASSADOS assim da banda dalém, que seria 2 horas antemanhã, por não sabermos ao certo quanto era dali, aonde diziam estar a povoação do gentio na praia defronte das naus, que era fama terem forte em terra com alguma artilharia, que era o que mais receávamos, e fazia dar pressa ao ouvidor-geral para com a escuridão da noite não vermos os perigos, que se apregoavam, que num tropel de gente de cavalo com alguns arcabuzeiros duma parte, e o nosso gentio, e os de pé da outra, determinavam, em rompendo a manhã, acometer isto, feito algum fogo, em que brevemente se enxergavam os arcabuzes, nos fez logo tomar a praia, que como até então de nós não fosse sabida, e sobre tantos trabalhos nos pareceu tão comprida, como trabalhosa; e a não nos dar tanto acomodamento e pressa, com que esquecêsemos, e nos esquecêsemos do trabalho, fora ele muito maior; mas indo o ouvidor com Duarte Gomes, e Antônio Lopes de Olivença, descobrindo diante com três negros da terra, a fomos andando até em amanhecendo, apartados os de cavalo, como disse, para dar da parte do norte, e os mais do sul. Remetemos ao forte, que ali tinham os imigos, todos com grande grita, onde matariam até 20 índios, e se tomou vivo um grande principal; outro muito se deitaram

ao mar, por terem a terra tomada, e se acolheram à nau dos franceses, que todos estavam recolhidos com sua artilharia, do dia dantes, pelo aviso, que lhes deu o índio, que fugiu a Duarte Gomes, e ali estavam todos muito sobreaviso, e tinham despejado tudo, e só aqueles poucos, de confiados, esperavam; e porque a nau, com a claridade da manhã, nos começou a varejar a praia com a artilharia, varamos todos à aldeia, e povoação que estava logo acima, a qual achamos toda despejada, mas com muitas farinhas feitas, e favos, que foi grande recreação com os cajus, fruta do mato, que já começava.

Assim a instância dos nossos índios para lhe destruímos todos os mantimentos, e assolarmos aquela estalagem aos franceses depois de não terem o Paraíba, assentamos estar ali 3 dias, e logo à tarde fomos todos fazer mandioca, que é arrancar os mantimentos, que só os brancos fazem, porque o gentio estes dias tudo é dormir.

Essa noite mandou o ouvidor-geral lançar ao mar 3 ferrarias, que ali havia, de franceses, que foi cousa de importância tirá-las aos imigos, que com elas os levavam; reparando-lhes estes 3 ferreiros, que ali já eram moradores, suas ferramentas; e esta foi a mor guerra, que se lhe podia fazer! Acharam-se aqui mais de 60 caldeiras grandes e pequenas, e fato, e muita ferramenta, de que se o nosso gentio carregou.

Ao outro dia mandou o ouvidor-geral 24 arcabuzeiros na baixamar da madrugada, de cima do arrecife, que ficava sobre a nau, metidos na água, dar uma tal surriada com 3 ou 4 cargas, ainda que sem lhes fazer dano; mas temendo, parece, que o viram a receber, ou que viessem algumas embarcações do Paraíba, levaram âncora, e foram por aí abaixo, caminho das Antilhas, esbombardeando-nos primeiro com sua artilharia. Na praia se acharam algumas molhadas de ruim pau-brasil, tão delgado como varas, com as raízes, que se queimaram. E assim não podiam dar melhores novas em França que a dos anos passados.

Com isto ficamos muito contentes todos, por da terra fazermos levantar uma tão poderosa nau, que prometia deitar de si quase 100 homens.

.....

Capítulo XIX

PARTIDA DA BAÍA DA TRAIÇÃO PARA O TUJUCUPAPO.

AO 3º DIA, carregados os índios do esbulho e alguns mantimentos, partimos, indo sempre ao longo da costa: e assim fomos outros 3 com o língua dos índios cativos em busca do Tujucupapo, o mor principal dos petiguares, por ser muito grande feiticeiro. E indo ao 4º dia bem descuidados, antes do meio-dia, parecendo-nos já não acharíamos imigo, gritaram da vanguarda: petiguares! petiguares! E não se espantem falarmos desta maneira, sendo tão poucos, porque como as guerras destas partes são nos matos, sempre imos enfiados, por um ruim caminho, uns trás outros; e assim, ainda que poucos, como não podem ir em fileiras, nem ordem de guerra, ocupam muita terra ao comprido.

Por essa causa, da grita e novas, se concertou cada um em seu lugar, e marchamos depressa; mas por neste tempo vir um soldado espanhol dizer a Martim Leitão acudisse, que recuava a vanguarda, e havia feridos; em calças e gibão, como ia, tomou um arremessão e João Nunes, e uma rodela e um índio, e encomendando a gente a Gregório Lopes d'Abreu, e a Antônio de Barros Rego, pôs as pernas ao cavalo, atravessando o mato, que era baixo. Chegou aos dianteiros, a tempo que sobrejavam as frechadas

de 3 partes, de que em cilada rebentaram do mato 3 esquadrões de gente imiga, e se tornaram a recolher em ondas ou remetidas, que este é o seu pelejar; e o nosso gentio, vendo tantos imigos, quase que ficou assombrado, e à pressa em um corpo se andavam cercado de rama para nós todos recolhermos em qualquer fortuna; mas chegando ali o ouvidor-geral, os começou de afrontar de palavra, dizendo-lhes se determinavam fugir, ou fazer ali casas para viver, e depois morrer como ovelhas, e que as nossas casas haviam de ser as dos imigos: e assim gritando: a eles! e deitando-se com fúria fora do cavalo, ainda que logo alguns pegaram nele, para que se não metesse assim desarmado na força do perigo; mas gritando rijo: a eles! a eles! passou avante, mandando João Tavares por outra parte; e com isso levaram os imigos diante de si, deitando-os fora de mil labirintos, que ali tinham feito e ordenado, e por extremo fortificados, ficando todavia as suas estâncias semeadas de muitos corpos: e muito dobrados foram, se não houvera a detenção dos nossos no abrir dos caminhos para todos passarem, posto que sempre corriam; e assim tiveram os imigos alguma guarida em o muito ruim, e grande alagadiço, que sempre eles costumam tomar por reparo, aonde houve muitas graças de muitos atolarem mais do necessário, não querendo seguir ao ouvidor-geral, seu capitão, que ainda que o cavalo caiu com ele o levou pela rédea, e saindo fora muito gentil homem do muito lodo, se deitou em cima dele mui desenvolto, e seguiu os imigos por um caminho com outros 2 de cavalo, e alguns gentios, que sempre foram derribando neles; e o mesmo aconteceu por donde foi o capitão João Tavares; e como digo, foram infinitos os mortos, se o nosso gentio ousara segui-los os mais; mas vendo tantos, e a si tão poucos, o fizeram pesadamente, e só à sombra dos brancos.

Aqui me feriu um espanhol por desastre em um pé; e com isto nos recolhemos depois das 3 da tarde à grande aldeia, que estava perto do alagadiço, aonde descansa-nos o que ficava de dia, dando muito graças a Deus, porque foi esta uma grande vitória, que se afirmou haver ali mais de 20 mil petiguares feitos, e muito apercebidos, de dias, do seu feiticeiro, que por desastre se nos acolheu em um cavalo, que lá nos houve há muitos anos.

Curados os feridos, que houve alguns, e nenhum morto, por a vitória ficar com dobrado gosto, nos desviamos, quase sol posto, com o que achamos na aldeia, que tudo foi uma bárbara pobreza, por nós não

levarmos nada, que, como hóspedes do ouvidor-geral, que em todas as jornadas nos levou sempre na sua tenda, tirando a primeira, que foi de mor aparato, sou boa testemunha de tudo; e para melhor o fui com meu sangue próprio, que por a ferida ser nas veias do peito do pé, deu trabalho.

Não faltou para de todo esta empresa do Paraíba ser trabalhosa e honrosa, o sangue da Companhia.

Ali estivemos ao outro dia; e por serem 12 léguas aquém do Rio Grande, aonde tivemos novas ser já todo o gentio passado da outra banda, que como senhores de mais de 400 léguas desta costa, não era possível esgotá-los, que esse mal tem este gentio ser o mais, e o mais unido que quantos houve no Brasil. E assim, daqui nos tornamos ao forte, aonde fomos recebidos com muitas festas; e tornou o ouvidor-geral a continuar nas obras, em que Cristóvão Luís, fidalgo alemão de nação, com os oficiais, sempre havia trabalhado; e se ordenou o possível, e de todo acabou o forte, torres, e casas de armazém, com seus sobrados, guarnecidas e cobertas, feitos também alguns reparos, e a maior parte da artilharia, e ficando-se acabando os outros, tomou à menagem o ouvidor-geral ao capitão João Tavares, e o deixou com 35 homens de peleja providos para 4 meses.

E com isto feito, nos tornamos a Pernambuco a 20 de janeiro de 86, que foi assaz breve tempo para tantas cousas e obras; mas tudo nos homens honrados o desejo de hora fez possível.

.....
Capítulo XX

A VINDA DO CAPITÃO MORALES DO REINO; E COMO SE
AVIOU O OUVIDOR-GERAL PARA IR POR MAR.

N

O FIM do fevereiro seguinte vieram cartas ao ouvidor-geral, Martim Leitão, d'el-rei se haver por bem servido no que fazia na povoação do Paraíba, e ordenou para se pagarem os gastos, que ainda até o abril, que veio, carregaram sobre ele, as quais trouxe um capitão espanhol, coxo, com 50 soldados, também espanhóis, e para recolher assim os que cá ficaram de Francisco de Castejón, que foi grande bem, ainda que se disso não seguiu efeito, por ele ser cousa pouca. E assim avisado em Pernambuco, partiu a 2 do mês seguinte para o Paraíba, para haver de estar à obediência de João Tavares, capitão do forte, conforme a sua patente, e todos à do ouvidor-geral: mas o coxo, tanto que lá chegou, deitou João Tavares fora do forte, e aos portugueses, e os tratou de maneira, que se alvoroçou tudo, e amotinou o gentio das aldeias, que todos os dias se ia queixar a Pernambuco (e sobre avisarem a este capitão castelhano e que se chamava Francisco de Morales) que parecia mal o tomar o forte a quem tinha dado menagem dele, e que lhe tornasse, se desentou em palavras contra o ouvidor-geral, esquecido de sua obrigação, e de quantos gasalhados e mimos, em obra de um mês, e

honras, lhe havia feito em Pernambuco, e assim se indispôs logo com ele, com a câmara, e com todos os portugueses, que houve muitos requerimentos para que se tirasse de lá, e o mandasse a el-rei, por muitos e ruins excessos, que sempre nele foram crescendo com os ruins conselhos, que lhe mandavam de Pernambuco imigo do ouvidor-geral, e das boas venturas do Paraíba, a que todos os potentados do Brasil não tinham paciência, e assim de inveja blasfemavam do ouvidor-geral, e procuravam atalhar e infamá-lo, assim cá como no reino. E foi pasmo como estas invejas de cada vez mais cresceram; e d'outra parte me não espanta, pois o Paraíba ia de bem em melhor.

Tudo o ouvidor-geral foi dissimulando, e pairando até o fim de setembro do dito ano, porque aos 27 dias dele lhe veio nova do Paraíba, e cartas, que avisavam serem chegadas à baía da Traição 5 naus francesas, com muita gente, e munições, determinados a se ajuntarem com os petiguares para combaterem, e assolarem o forte do Paraíba, com as quais cartas vinha um grande requerimento do capitão Morales, e moradores, assim a ele ouvidor-geral, como ao capitão de Pernambuco, e câmara, os fossem socorrer.

Recebido este requerimento, fez logo Martim Leitão ajuntar no colégio ao capitão de Pernambuco, câmara, e oficiais da fazenda, e os mais nobres e ricos da terra, aonde por todos foi assentado (antes de crescer mais aquela ladroeira, e sair dali algum grande corpo de franceses, que juntos com os petiguares nos deitassem do Paraíba), convir muito acudir-lhe, e que ninguém o podia fazer senão o ouvidor-geral Martim Leitão, como de antes tinha feito. E assim todos juntos lhe pediram e requereram em nome d'el-rei, e ele aceitou, ordenando mais que fossem 3 naus e os caravelões que houvesse, e 150 homens de peleja, afora os de mar, e alguma gente de cavalo por terra, que se juntaria, com alguns cento de pé que haveria no Paraíba, para que lhes dessem por terra e por mar uma boa guerra; e que as naus, pelo que importava ao serviço d'el-rei, e trato do Brasil, se aprestassem à custa de sua fazenda. E assim, por neste tempo não haver mais que 2 ruins naus, começou a dar ordem para se fazerem reparos para a artilharia, por na capitania não haver cousa com cousa, e fizeram-se os reparos e consertou-se a artilharia toda, e começaram com as naus a levantar caravelões; e por Francisco de Morales se querer vir neste tempo do Paraíba,

como veio, lhe escreveu Martim Leitão, pedindo que tal não fizesse, e que chegando lá o acomodaria, e serviria em tudo, como sempre fizera; e que quando de todo em todo se quisesse vir neste tempo do Paraíba, não trouxesse os soldados d'el-rei; mas nada bastou para deixar de servir, e trazer os soldados, e persuadido de alguns de Pernambuco, invejosos e imigos do ouvidor-geral, largou o forte, e se perdeu, e estragou na vila de Mariate, até se vir para o reino; e porque a 20 outubro se soube haverem chegado mais à baía da Traição outras 2 naus, que eram 7, pelo que se requeria melhor recado, pelo crédito e honra do serviço d'el-rei, porque se iam já naquele negócio arriscando todas as capitánias, assim na artilharia, como na frol da gente, que se aviava para ir com o ouvidor-geral, que essa boa ventura teve sempre mais que quantos capitães houve no Brasil, sem pena nem força lhe não faltar nunca no que quis a gente necessária; pelo que se tomou mais uma nau, que chegou do reino.

Postas a monte, e providas de xaretas, e fortalecidas para poderem sofrer a artilharia até entrada de dezembro, se puseram a pique 3 naus marchantes, 2 bons caravelões, ou zabras, de que eram capitães Pedro d'Albuquerque, Lopo Soares, Tomé Rocha, Pedro Lopes, capitão da ilha Tamaracá, e Álvaro Velho Barreto, ainda que depois faltou.

Ordenado isto assim, foi o ouvidor-geral até o engenho de Filipe Cavalcanti, que é 7 léguas da vila de Olinda, com 25 homens de cavalo, bons, que com os que havia no Paraíba, faziam 30, e 30 de pé; e despedindo-os dali, se tornou para a vila embarcar, prometendo-lhes primeiro ser com eles na semana que vinha; e assim se foi logo ao Arrecife, aonde se começou de juntar a gente, que se tinha oferecido, e que de longe sempre para estas cousas ia fazendo; e no Arrecife estiveram embarcados 13 dias, com tormenta de nordeste espantoso, cousa nunca vista, porque dentro do rio se desamarrou uma nau e deu à costa: e temendo o ouvidor-geral a tardança, quis mandar um caravelão d'el-rei com aviso ao Paraíba, e eram tais os nordestes, que o levaram, sem nenhum remédio, além do cabo da ilha de S. Aleixo.

Com este trabalho estando todos pasmados, e o ouvidor-geral atribulado de não poder assim com tanta gente fazer viagem, chegou Amaro de Resende com muitas cartas, e grandes requerimentos, e protestou de largarem todos tudo, se o ouvidor-geral não era lá até o dia de S. Tomé, por

estarem todos muito assombrados da muita gente francesa e petiguares, que 4 dias haviam dado em uma aldeia das nossas fronteiras, cujo principal era o Assento-de-Pássaro, o melhor índio dos nossos, aonde mataram mais de 80 almas, e 2 castelhanos, com o que se lá davam todos por perdidos; e por se lá não acabar de perder tudo, ou ao menos não suceder algum desastre, foi assentado por todos que já que o tempo não dava lugar, e se não perder mais tempo, o ouvidor-geral acudisse logo com aquela gente por terra. E assim lhe requereram; do que, forçado, veio ao outro dia dormir à vila; e de enfadado e receoso de volta da fortuna, se partiu da vila quase só de madrugada; e no rio Tapirema, que são 9 léguas dela, se achou ao 2º dia com alguns 32 homens, com os quais seguiu avante, e por ir assim, e os homens estarem despropositados para o acompanharem por terra, o seguiram somente estes, e com eles chegou à nossa povoação do Paraíba, a que os moradores chamam cidade de Nossa Senhora das Neves, aos 23 de dezembro, véspera do natal, aonde se começou logo o ouvidor-geral a pôr com ordem e aviar para haver de partir no dia seguinte, como partiram, caminho do Capoaba, aonde teve por novas que estava todo o gentio com alguns franceses fazendo-lhes o pau-brasil para carga das naus, para lhe estorvar, porque esta era a maior guerra, que lhe podia fazer assim a uns, com aos outros, donde (ainda que não fui testemunha de vista, como de tudo até aqui) pelas relações dos padres Baltasar Lopes e Manuel Correia, a que por ordem do padre rector coube esta jornada, direi também o que passou.

.....

Capítulo XXI

COMO O OUVIDOR-GERAL PARTIU
DO PARAÍBA PARA O COPAOBA.

D

A CIDADE, onde o ouvidor-geral Martim Leitão deixou Pedro d'Albuquerque por capitão, em 4 grandes jornadas se foi dormir à grande cerca de Pinacama, que é um grande e principal petiguar, aonde Duarte Gomes havia ido, por mandado do ouvidor-geral, em outubro atrás; e depois de lhe suceder muito bem, ao recolher lhe mataram 8 ou 10 homens, que foi a maior perda, que esta empresa do Paraíba teve, depois de correr por Martim Leitão, e que ele em extremo sentiu, porque além das guerras, que todos estes anos lhes dava por sua pessoa, sempre lhes mandava dar cada ano 4 e 5 saltos, assim pelo capitão João Tavares, como por Duarte Gomes, e outras pessoas, com que os mais desatinavam, e lhes fizeram largar mais de 40 léguas à roda do Paraíba.

Nesta jornada foi infinito o trabalho, principalmente da água, que não havia se não de muito ruins poços, branca, e pouca, e tão fedorenta, que era necessário com uma mão tapar o nariz, e com outra a beber.

Desta cerca fizeram uma jornada direitos à serra do Copoaba, pelo que ainda de todo faltou a água, que no Brasil só ao longo do mar há:

pelo sertão há muita falta, e esse é o maior trabalho, que nele se padece, e o das calmas, porque quase todo o sertão é escampado, e assim são dos maiores do mundo, e quais a pior terra dele.

Assim andaram todo aquele dia desatinados por água; e em se pondo o sol, chegaram a uma bem ruim, e pequena alagoa, aonde o nosso gentio já todo estava metido, que esse é o seu costume lavarem-se; assim não parecia mais do que alguma lama, que se chupava. Assim se dormiu, por haver inteligência dos nossos espias haver perto aldeia de imigos, se madrugou para dar neles antemanhã, e com assaz trabalho, porque se enganaram os espias.

Não chegaram à primeira, senão amanhecendo; e por o nosso gentio dar o seu urro, primeiro que entrasse, fugiram alguns, ainda que se fez incrível matança, e se tomaram 70 ou 80 peças contra a vontade do ouvidor, que não queria senão que os matassem, e mandou seguir o alcance por uma parte e outra: e foi tal que durou mais de uma légua até outra grande cerca, onde foram repousar, na qual tudo foram corpos mortos dos imigos, e dos nossos nenhum, salvo 4 ou 5 feridos.

Nesta grande cerca quis o nosso gentio descansar; e assim era necessário para o grande trabalho do caminho, que tinham passado, por acharem rio de água, que então era o maior bem do mundo; e é costume dos gentios sobre grandes matanças, como estas, fazer vinhos, que chamam fazer suas festas. E assim o quis o nosso aqui fazer, e se repousaram aqueles dois dias, ainda que logo sobre a água começou de haver briga, por começarem de acudir imigos a no-la defender, ajudados dos sítios, porque esta Copaoba, onde já estávamos, é toda feita de altibaixos, porque é oiteiros até às nuvens, que a pé se sobe por eles com trabalho, e abismos baixíssimos, cousa não vista em outra parte do Brasil; e estas 3 ou 4 léguas, destes oiteiros, contra o estilo das outras, é singular terra; e os imigos por cima deles corriam como gamos, e se ajudavam muito; e é muito boa terra, que todos os vales destas 3 léguas que ao mais será em redondo, são muito boas contra a regra geral da terra, salão forte, que dará muito bem tudo.

Havia por conta nesta Copaoba 50 aldeias de petiguares, todas umas pegadas nas outras, e à vista o seu seleiro, que era de infinidade de mantimentos e algodões.

Ao outro dia pela manhã, começou a crescer a briga sobre a água, ainda que os nossos tinham ordem não fossem senão juntos, e a uma hora certa buscá-la, em dar de beber aos cavalos, ao que sempre iam 10, 12 arcabuzeiros de guarda. Todavia cresceram muito os imigos, e tinham já feito um caizara sobre ela. Daquela noite à volta, saiu o ouvidor-geral fora da sua tenda a ver o que era, por o negócio suceder ao seu lanço, porque se agasalhou fora do lugar, debaixo duma árvore. E vendo-o lá fora muitos, e dando ordem fosse Duarte Gomes com mais gente, e desmanchasse o que haviam feito aquela noite dos imigos, antes que mais crescesse, com que os deitaria dali.

Por nos começarem a frechar já a gente, assentou com o Braço, que à tarde lhe lançassem uma cilada por cima, tornando-se primeiro a travar a briga, em que bem cevados lhe dessem nas costas; e saindo a isso o Braço à tarde, se alvorçou o arraial, dizendo estava muito corpo de imigos sobre a água: saindo fora o ouvidor-geral, mandando não saísse mais gente, que aquela que ele nomeasse, porque se começavam desordenar, por da outra parte do rio na ladeira andarem 10 ou 12 nossos muito apertados, que não ousavam de virar as costas, e carregavam sobre eles, e ainda que os iam cevando dos nossos, os mais deles vinham de lá frechados e feridos de espingardas, que também os imigos tiravam muito boas.

Estando o ouvidor-geral vendo isto, e esperando como reben-tava a cilada de Braço-de-Peixe, chegou recado seu que dera em outra dos imigos, e que lhe acudissem; e isto a tempo que tinha já o ouvidor-geral mandado que fossem 7 ou 8 de cavalo, que ainda naquelas fraldas se podiam ajudar a deitá-los, e a recolher os nossos; e os que assim mandou, foram João Queixada, Antônio d'Albuquerque, Diogo d'Abreu, e outros com Francisco Pereira, que só com Simão Tavares, passaram além, e deitaram fora os imigos, e recolheram os nossos com um já morto, e outro quase, e muitos feridos, principalmente das espingardas; e Francisco Pereira muito pior, que o fez aqui com tão bom cavaleiro, como ele é; e João Tavares foi recolher o Braço-de-Peixe.

Neste tempo, a não haver grande recado na cabeça, certo sucederá algum grande desbarate esta tarde, segundo se a gente se alvorçou para fugir, como se davam já por salteados de medo, e assombrados de se verem 140 homens com 500 frecheiros do nosso gentio tão longe, aonde

nunca sonhou de ir branco, em terras, que ninguém sabia; e este foi o melhor remédio e causa de não fugirem, que por respeito do mal sucesso, que nos meses atrás havia sucedido a Duarte Gomes, andava a gente, e muito mais o gentio, mui desmaiados, e mais com se verem em tal terra, entre tanta multidão de imigos.

Assim começou a entrar um medo espantoso com todos, que não havia valer; e à noite foi avisado o ouvidor-geral em segredo por Simão Tavares, de que estavam 26 ou 30 homens ajuramentados, tudo gente mui honrada, para fugirem, os quais aqui (por suas honras) não nomeio. A isto acudiu o ouvidor-geral com os juntar, e lhes fazer a todos uma fala de mil esforços; e como para o outro dia tinha das caixas do gentio ordenado muitos paveses, detrás dos quais iam muito seguros, escolheu os melhores arcabuzeiros, para que se não perdesse tiro, e repartiu a gente melhor; principalmente os desta conjuração espalhou todos, dando cargos aos cabeças, tomando outros para sua guarda, com que lhes desfez a roda; e se assentou se desse pela manhã nos imigos com boa ordem, que a este tempo nos tinham com 3 caiçaras à vista cercados. Eram tantos, que havia homem, que contava por aquelas ladeiras 4 e 5 mil fogos; com o que, e verem mortos e feridos, que nas guerras do Brasil se não sofre, não havia paciência, nem quem ousasse falar! Pregou de noite o nosso padre Baltasar Lopes pela língua ao gentio e mamelucos, dos quais nasce o mal, e todos vigiaram melhor que nunca; de que se não podem escrever as particularidades, que viríamos a danar a alguns: basta que toda noite andou o ouvidor-geral de posta em posta nas vigias, a os fazer calar, que era vergonha o que lhes o medo fazia dizer e fazer. Das caixas, que se acharam, se fizeram 10 paveses atados com cairo, cipó, e como melhor puderam; com o que vendo-se pela manhã bem ordenados, se animou a gente, e foram buscar aos imigos, deixando queimado tudo, como sempre fizemos a todas as cercas e aldeias, que tomamos, as quais estavam à vista de 3 tranqueiras, que eles armaram nos piores passos, umas diante das outras, que muito poucos bastavam em tais passos, se Deus nos não ajudara.

Posto em ordem o nosso exército começou a marchar para os imigos; e por na primeira caiçara do rio haver detença, pela resistência, que eles faziam, se passou lá o ouvidor, dando-lhes muita pressa, como quem entendia que nisso estava a importância, e não em cuidarem. Com sua

chegada se levou, sem nos ferirem pessoa, e com a mesma fúria arremeteram à segunda, que era entulhada de terra em um vale muito mais forte; e assim foi necessário chegar o ouvidor, e pôr a gente nomeada nos postos; e lançando uma boa manga por um oiteiro acima, com que os assombrou muito mais; e sentindo grande volta no baixo, vendo os inimigos 3 mangas da nossa gente, se assombraram de todo, que nem na terceira cerca paravam, ainda que não subíamos a ela senão de pés e mãos; e a se não terem lançado às mangas, sempre custara mais, que foi gentil ordem do ouvidor-geral, e grande aviso, que neste tempo trabalhou infinito até cansar 3 cavalos, porque queria ver e estar presente em toda a parte.

E assim nos ajudou Deus, e os deitamos, seguindo-os mais de meia légua, indo-os sempre picando com alguns mortos, até chegarem a uma aldeia, aonde fizeram grande resistência, fazendo algumas voltas, tudo por salvarem as mulheres e filhos, que ali tinham, com o que o negócio esteve em peso, porque 3 ou 4 vezes os levaram, e nos tornaram a levar em ondas, até que chegou o corpo da nossa gente com o ouvidor-geral: e carregando rijo os levaram de todo: e a não vir a tal tempo, sempre a nossa vanguarda passara mal.

Daqui lhe fomos, aquele dia, destruindo 3 ou 4 aldeias, até nos irmos aposentar em um alto; mas tudo era já despejado, e dali víamos 30 e tantos à roda, em menos de uma légua, que todas começaram de arder. Aqui repousamos aquele dia, e outro, fornecendo-nos de mantimentos.

.....

Capítulo XXII

COMO DESTRUÍDA A COPAOBA, FORAM AO TUJUCUPAPO,
ONDE TIVERAM A MOR BRIGA DE TODAS.

D

AQUI se partiu em busca do Tujucupapo, que o ano atrás nos fugira: e caminhando dous dias assim, virando abaixo ao mar, ao terceiro pela manhã, parecendo-lhe não haveria imigos, deu a vanguarda em uma mui poderosa cerca, donde por aqueles vales começou a retumbar o tom das arcabuzadas, que, pela fineza da pólvora, melhor que a nossa, e amiudar dos tiros, entenderam ser corpo de gente com socorro de franceses, que todos receavam e traziam diante dos olhos; e assim eram de feitos franceses vindos das naus. A isto não havia acudir, por o caminho de nenhuma maneira dar lugar senão irem um trás outros, como se costuma; e por mais pressa, que se deram, por na dianteira sentirem grande volta, não havia remédio, e também por aparecerem por outras partes à roda imigos, temeram outra tal à retaguarda, que trazia Misse Hipólito e Pedro Lopes: e assim lhes mandou o ouvidor-geral que tocassem os seus tambores, e trombetas, com que tudo se alvoroçou.

Indo nisto, vieram dar recado ao ouvidor-geral acudisse à vanguarda, que estava desbaratada, e para dar volta; e que na cerca havia fran-

ceses com bandeira e tambor com muitos petiguares. E não tenho dúvida que muitos, se souberam a terra, com tal nova viraram as costas; mas estavam já por ela tão a dentro, que não era possível; e muito pior o nosso gentio, que estava todo tão cortadíssimo de medo, que se apinhoavam conosco, e todo houvera de fugir.

E chegando o ouvidor-geral à cerca, achou a bandeira do capitão João Tavares, que o fez aqui tão animosamente, como sempre. Certo que foi espantoso; e susteve todo o peso, porque à sua ilharga tinham morto três homens, e todos os mais foram tintos de seu próprio sangue, e alguns com piedosas feridas de pelouros de cadeia, que os tinham escalados; e contudo sempre sustentou a sua bandeira, pegado na cerca em uma fronteira, na qual ele e o sargento Diogo Árias, espantoso soldado, que nesta jornada houve quatorze frechadas, cada um tinha ganhado sua seteira, ou lombardeira aos imigos, tendo as espadas por elas metidas, apesar de lhes darem com muitos paus e pedras, e fogo, e outras muitas cousas, que lhes lançavam por cima; que sempre os mataram, e ao alferes, se Deus ali lhe não deparara três ou quatro troncos d'árvore, em cada um dos quais se amparavam um e dous, os quais as arcabuzadas não deixavam aos imigos subir acima, e cobriam os troncos aos sobreditos, que todos os mais já não estavam para nada, e tudo quase desbaratado; e ainda estes poucos, que amparados dos troncos e árvores, ou cozidos com o chão se defendiam, amparando os rodeleiros às vezes um e dois arcabuzeiros, que era prática antiga do ouvidor-geral, que aos não misturarem assim, não pelejaria nunca arcabuzeiro com a multidão das frechas; e desta maneira, e com esta ordem animosamente, ainda que com imenso trabalho, e perigo da vida, entretinham aos imigos; e até o nosso padre Baltasar Lopes me confessou se dera por morto, e com uma rodela da Índia cubria a si, e a outros, cozidos em uma rigueira da terra.

Foi este um trabalhoso passo, e o mais arriscado, e perigoso termo, que estas guerras do Paraíba, e não sei se do Brasil, nunca tiveram; porque realmente para consigo, só não foi o ouvidor-geral, que o não mostrava no rosto, todos neste passo se deram por concluído.

Era lastimosa cousa ver o desbarate, que iam em todos, e alguns cavalos por aí frechados e arcabuzados, sem haver quem os desviasse, nem ainda tivesse acordo para usar das alcanzias, que, havia pedaço, o ouvidor geral havia mandado aos dianteiros por Diogo Nunes mercador: e passado

o conflito, por aí as acharam depois perdidas, e não saíram os imigos da cerca aos que assim estavam fora, por todos os arcabuzeiros, que sempre lhes tiravam em roda viva, os impedirem, e também o capitão João Tavares, que tendo arvorada a sua bandeira na porta fronteira com quatro ou cinco, que se com ele achavam cobertos de adargas, e rodelas, e cozidos com o chão, e cercados dos imigos, tinham metidas as espadas pelas seteiras, ou buracos, com que os tapavam, e se defendiam, já com desesperação, porque lhes não convinha bulir-se, nem afastarem-se para nenhuma parte: e permitiu Deus também assim; que a saírem em tal tempo os imigos, acabava-se tudo; e ele por sua misericórdia ordenou socorrer a este tempo o ouvidor-geral, que embaraçado com o caminho, e nosso gentio, e brancos, que recuavam, até este tempo lhe não foi possível chegar, por mais que o procurou.

Havia mister mil olhos e línguas para notar e declarar este passo, em que chegou Martim Leitão, que apeando-se, e os que com ele iam, e começando de animar a todos, quis lançar uma manga por cima por um espesso mato de ruins espinhos, e que os nossos índios começaram a abrir; mas não havia quem se atrevesse a bulir consigo, ainda que um e um os animava, e chamava por seus nomes com palavras d'honra, que em alguns montavam bem pouco.

Neste labirinto, ou confusão, porque ninguém, com os gritos dos negros imigos, e nossos, estrondo das espingardas, e de muitos feridos, que a cada passo caíam, se entendia, nem se ouvia o que se ordenava, nem mandava, antes parecia declinarem as cousas a se acabar tudo; e depois de muito bradar, e se cansar o ouvidor por ordens, e cousas, que todos bem mal cumpriam, apesar de grandes chuveiros, e nuvens de frechas e pelouros, que dos imigos nunca cessavam, tomando alguns poucos consigo, que ainda se foram diminuindo, e agachando, como podiam, que à verdade, não havia romper, e era quase temeridade a que o ouvidor-geral cometia, mas dela nos resultou o remédio. E assim chegando com trabalho com cinco ou seis, que por vergonha o não desampararam, pela parte de baixo, e maior mato, à cerca, que por aquele lanço, confiados os imigos na espessura do mato era muito fraca e entulhada de terra e palma, a começaram a desfazer, ainda que os imigos logo ali acudiram de dentro com espingardas e muita frecha, com que feriram o meirinho d'alçada Heitor Fernandes, e outros.

Contudo Martim Leitão foi o primeiro, que chegou, e rompeu a cerca, cortando com a espada os cipós, e caíro, com que atam a madeira; e fazendo buraco por onde se meteu, aqui, no afastar dos paus, ao entrar, deram de dentro ao ouvidor-geral com um pau na mão direita, com que trabalhava, porque coberto com a adarga, tinha a espada na esquerda, que lhe arrebentou da pancada o sangue pelas unhas.

Com a indignação desta ferida, e bem coberto com a adarga ante os peitos, se lançou dentro com Manuel da Costa, que o acompanhava, fazendo porta aos outros, que o seguiram; mas entraram tão devagar, que a esse tempo ele esteve dentro de todo perdido, e tomado às mãos; porque vendo os inimigos só dous homens dentro derribaram de duas ruínas frechadas a Manuel da Costa, que caiu, cuidando serem pelouros, e deitaram a carapuça d'armas fora da cabeça ao ouvidor-geral com duas frechadas, ainda que lhe fez Deus bem ficar pendurada pelo rebuço de diante, e com muitas frechas pegadas na adarga, e pelas pernas e braços, que o não feriram por ir bem armado.

Pôs o joelho no chão para se desembaraçar das frechas, e cobrir a cabeça; ao que acudiu golpe de gentio, para o tomarem às mãos, e sem falta lhe valeu aqui não no quererem matar, pelo conhecerem, e desejarem levá-lo vivo para testemunha de sua vitória, triunfo e glória se sua valentia e nome.

Ele, vendo-se no último transe da vida, se levantou furiosamente, e chegando-se a Manuel da Costa seu amigo e natural de Ponte de Lima, para o defender, os fez afastar, por verem também a esse tempo entrar já outros, dos quais o primeiro foi o alcaide de Pernambuco, Bartolomeu Alves, feitura dele Martim Leitão, que bem lhe pagou ali, e o ajudou como mui valente e esforçado soldado, que é d'África e outras partes que andou.

O ouvidor-geral, coberto de frechas, e dos inimigos, que chegaram a lhe dar à mão tente, quando ajoelhou, em uma coxa, de que depois manquejou muitos meses, com a boa ajuda do alcaide, ambos tendo um em o outro, levaram os inimigos, e os foram enxotando, que como o verem, carregavam já por um, teso, que vinha mais alto da outra parte da cerca com uma manga de alguns arcabuzes, que o ouvidor ordenou, logo ao appear do cavalo, e irem entrando após o alcaide outros, foram os inimigos

despejando de todo; e os inimigos da fronteira, onde pelejava João Tavares, também afrouxaram logo, sentindo já os nossos, da parte onde pelejava Martim Leitão, dentro da cerca, aonde logo entraram todos com a temeridade, que assim lhe chamaram os nossos, ou boa ventura do ouvidor-geral, que soube buscar, em tal pressa e tempo, aquela parte por onde entrou; com o que os inimigos desatinaram de todo, quando dentro o não puderam tomar às mãos como pretenderam, ao tempo que o conheceram pelas armas, e pala cutilada, que tem na cabeça, pelo que entre eles é mui famoso o nome do capitão da cutilada; e ele me confessou depois em conversação, que fora aquele o maior aperto, em que se nunca cuidou ver, porque achar-se entre tanto gentio só, e arremeterem à porfia a ele com tantos alaridos e visagens, e lembrar-se como deixava fora tudo em desordem, bastava para não ter pés, nem mãos. E a isto diz ele, que nas maiores pressas dobra Deus o acordo, e ânimo, e faz maiores mercês, como aqui lhe aconteceu.

Ainda dos nossos correu maior perigo, porque não deixavam, depois de eles estar dentro, de tirar, de maneira que da fumaça dos que fugiam de dentro, e dos muitos tiros de fora, de que alguns passavam a cerca, e os mais dando pelas casas e palhoça dos negros, era tanto o fumo da palha por dentro da cerca, e aldeia, que não viam uns aos outros: e como neste passo o ouvidor e o seu alcaide somente andavam dentro, e Manuel da Costa, com as costas uns nos outros, se chegavam às casas, dando lugar ao gentio despejar, o que eles faziam com toda a fúria por todas as partes; e para os três animosos companheiros escaparem do perigo das nossas espingardas de fora, mandou o ouvidor ao alcaide gritasse: Vitória, vitória! com que se acabou de arrasar tudo, que não há alegria igual a esta palavra!

Em tais pressas assim certo entravam os nossos, uns por uma parte, outros por outra, enquanto os franceses, ao entrar do ouvidor-geral, fugiram todos, e dos nossos ninguém tratava senão de se abraçarem uns aos outros com festa e lágrimas nos olhos, da mercê, que lhes Deus fazia, os quais seguiram pouco aos inimigos, porque passada a fúria da peleja todos tinham que curar, e fazer consigo assaz, porque se acharam quarenta sete feridos no arraial, e três mortos, na cura dos quais andou provendo o ouvidor-geral com muita vigilância e caridade, porque para tudo ia apercebido; e até as três horas, que andou nisso com o cirurgião, não comeu, nem bebeu, sendo-lhe bem necessário, porque toda a noite dantes não dormira,

e toda a manhã trabalhou muito, principalmente, das nove horas, que se começou a briga, que durou mais de duas horas, na qual morreu infinidade de gentio, que eles levaram às costas, como costumam fazer, porque os não acham-os.

Aqui também morreu o alferes francês, que na cerca ficou estirado com a sua bandeira e tambor, que hoje está no Paraíba. Foi este um honrado e façanhoso feito d'armas, em que os negros imigos, apelidados, dos *desbarates*, que lhe tínhamos dado na serra, meteram o último de sua potência em nos tomarem já cansados, e com alguns feridos, e mortos, como atrás digo, e já gastados da pólvora e mantimentos, e também confiados nas outras vitórias; que não topariam tamanha aventura, que fora muito maior desventura, se o socorro, que chegou aos imigos, e deu nesses poucos da retaguarda, que entrados os dianteiros e mais gente na cerca, estavam ainda fora: a isso acudiram todos, deixando os feridos, como puderam. E foi espantosa pressa e afronta, porque não acabavam de todo de perder de vista os que levavam diante, quando chegou este socorro por detrás, que a vir mais cedo um pouco espaço, ou antes de entrarmos a cerca, não houvera nenhum remédio; mas Deus é bom, que sempre ajuda aos seus e mais as cousas, que se fazem sem respeito nem interesse, como estas guerras do ouvidor-geral, que só nisto, dizia, punha toda sua esperança, que não havia Deus de faltar a tanto serviço seu e d'el-rei, e bem de seus vassalos, como se seguia a todos os d'aquestas capitánias do desbarate destes petiguares, em que Nosso Sr. milagrosamente, sem gente, e com tão pouco custo, sempre ajudou e guardou, principalmente neste dia, e pressa dos imigos, que desbarataram, e da cilada, que, enxotados os dianteiros, arrebentou com grandes alaridos e gritos por detrás, que foi cousa medonha, e mais para tal tempo; mas com a resposta, que lhes demos, que foi já mais de ânimos vitoriosos, que de obras, porque não estava a gente para nada, fugiram, como viram, que assim o tinham feito seus companheiros.

Eram tantas e tais as feridas de pelouros de cadeia, com que os franceses, que com os negros estavam na cerca tiraram, que todo o restante do dia se gastou na cura dos feridos; e por não haver já mais que três botijas de pólvora, e ser necessário trazer nove feridos, aqueles em redes, que não podiam vir, nem ter-se em besta, a fora muitos que vinham a cavalo, que todos andavam à porfia de os trazerem nos seus.

No remédio dos feridos, e de os trazer, foi o ouvidor vigilantíssimo, e muito caridoso; e assim por estes respeitos e inconvenientes, que havia a se prosseguir mais na guerra, que o ouvidor-geral determinava ser infinita, se assentou queimar-se o pau, que se ali achou, e voltarem dali por outro caminho; e a todos, ainda que vitoriosos, foi a noite enfadonha, porque nos víamos mortos, feridos, desbaratados, e com pouca pólvora, ainda que disto da pólvora não sabiam três pessoas do arraial; e tão longe de casa, entre tantos inimigos, e com sete naus francesas entre eles no porto da baía da Traição, que lhe dariam os cento, e duzentos arcabuzeiros, cada vez que quisessem, e mais agora, que iam feridos e magoados da perda do seu alferes, que era valente homem, e da bandeira e tambor.

Basta que todos tinham bem que cuidar: só o ouvidor-geral era o que festejava, e que não consentia melancolia, que dizia ele ser traça, que mais gasta os ânimos fortes, que tudo, e os consume: e assim com muito risco visitava, e corria a todos; e nos ordenou para partir pela manhã cedo, como fizemos, em boa ordenança, encomendando-nos todos muito a Deus, e ao anjo S. Gabriel, e à bem-aventurada N. Sra. das Neves, invocação do Paraíba, aonde o ouvidor-geral prometeu um frontal de damasco, e cortinas de linho, que lhe logo mandou de Pernambuco.

Assim deixando o Copaoba destruído, que então era a gadelha, e força, e substância dos petiguares, voltamos, buscando o caminho do Paraíba com assaz trabalho, guiados pelo sol, porque ninguém sabia onde estava. Marchamos o primeiro dia com grandíssimos trabalhos, principalmente do ouvidor-geral, por respeito dos muitos doentes e feridos, e puxarem então todos mais por ele: e assim nos agasalhamos ao longo de um ribeiro pequeno, aquela primeira noite da jornada, como cada um pôde.

.....
Capítulo XXIII

DA VINDA, E TOMADA DO OUVIDOR-GERAL,
E DOS NOSSOS DA COPAOBA.

N

O SEGUNDO DIA de caminho, marchando, em amanhecendo nos salteou o gentio por duas partes, a provar como íamos; mas rebatendo-os, fugiram com dano seu, e nenhum nosso.

Na noite seguinte, por cima da baía da Traição, estando aposentados em uma lagoa, levantando-se o ouvidor-geral no segundo quarto (como costumava) e correr as vigias, achou que todas dormiam, senão a dos espanhóis; e acordados todos se foi assentar na rede do padre Baltasar Lopes, que estava deitado. Estando praticando com ele, por passarem o enfadamento de tão ruins noites, sentiram rumor de gentio; e chamando a isso os vizinhos, ouviram disparar um bom pedaço contra o mar uma grande arcabuzada, e logo outra e outra; e certo que alvoroçou muito todo o arraial, vendo-se em tal terra, que ainda não sabiam onde estavam, o que, depois de Deus, foi causa de o nosso gentio não fugir, como logo em tais pressas costuma, tão carregados de doentes, sem saber o caminho.

Basta que grandes termos houve aqui, em que se assaz mostrou o ouvidor-geral, fazendo pregar ao nosso gentio, e esforçando os brancos a

que morressem como homens; que nesta determinação era Deus; quanto mais que não havia para que temerem a belitragem francesa, e em terra aonde cada um deles era para qualquer; pois que sempre levaram a melhor dos petiguares, não havia que recear; que aqueles eram os próprios, que lhes sempre fugiram, aos quais em suas casas, sítios, e fortes haviam desbaratado; pelo que ele lhes segurava a vitória; e que aquilo que ouviram, não era mais que ronca para lhes fazer fugir o gentio, e pô-los em desbarate, e que então, e não em outra conjunção, os seguiriam; pelo que ele tomava em si a retaguarda, e os segurava com a ajuda de Deus.

E ordenado tudo, e repartidos os doentes, esperaram pela manhã em uma razoada cerca de rama com que se cercaram todos com muitos cantares e festas; e era muito para ver como às escuras acertavam a trabalhar; e o gosto com que o faziam; no que amanheceu um formoso dia, sendo os de antes chuvosos.

Com muito boa ordem saíram dali, ficando Martim Leitão na retaguarda, de trás de todos, com Assento-de-Pássaro, e outros principais do nosso gentio, que pelo lá verem, até o Braço-de-Peixe mandou lá ficar os filhos; e assim viemos às campinas de sobre o rio Manguape, com que em todos se dobrou o contentamento.

Com muita festa, já quase noite nos recolhemos à Água do Camelo, donde a duas jornadas chegamos ao Paraíba, onde todos foram recebidos, como mereciam. As novas desta guerra foram muito grandes por toda a parte; e foi ela muito para isso, que só ousarem de ir os brancos onde foram, era espanto, quanto mais tão poucos, e estando os petiguares tão socorridos dos franceses, de que tinham entre si tantas naus, contra as quais logo naquela semana se aviou o ouvidor-geral, para por mar ir à baía da Traição dar nelas; que pela fama desta guerra, e novas que os seus dela trouxeram, e do pau todo ser queimado, se foram logo todas desaviadas.

Esta foi a maior, e mais arriscada, e perigosa guerra, e de mais importância, que nunca se cá deu; e mais por se dar logo sobre o salto, que os franceses fizeram na aldeia do Assento-de-Pássaro, e sobre o desbarate de Duarte Gomes; e informamos também os franceses dos cativos, que tomaram em este salto, da determinação, que havia de se lhes dar por mar e terra, como já tinham certo a da terra, aonde e como nunca cuidaram, que assim o seguravam os feiticeiros nunca irem cavalos nem brancos ao

Capaoba; e tendo o do mar a porta, por o ouvidor-geral ter mandado vir os caravelões, com que de noite a remos os determinava de saltar, por já irem faltando as monções para naus grandes virem de Pernambuco ao Paraíba, se acolheram os franceses com as naus vazias, com o que os nossos de todo ficaram seguros e contentes, crendo não tornariam mais, pois havia quatro anos, que já a cousa corria de tal maneira que se tornariam sempre desbaratados, ou de vazio: e assim se tem sem falta que, sem os franceses, se entregaram os petiguares, pois não tem nenhum remédio, e em toda a parte a miúdo eram salteados, ou se passariam todos além do Rio Grande, como muitos tinham feito, que é o que nos anima; o com a certeza das naus francesas serem idas, despediu a gente toda e ouvidor-geral, ficando somente com os seus oficiais, e Pedro de Albuquerque, e Francisco Pereira, que ainda estava mal das feridas.

.....

Capítulo final

COMO, DESPEDIDA A GENTE, O OUVIDOR-GERAL
FEZ O FORTE DE S. SEBASTIÃO.

D

ESPEDIDA a gente no fim do mês de janeiro de oitenta e sete, se foi o ouvidor-geral ao rio Tiberi, duas léguas acima da cidade, e ao longo do Paraíba, fazer um forte para o engenho de açúcar d'el-rei, que ele lá tinha começado, e para defender a aldeia do Assento-de-Pássaro, e mais fronteiras, com o qual se segurava tudo, e se povoaria a várzea do Paraíba. E assim o ordenou, e fez muito em breve, e ficava o forte por casa de engenho, porque este foi o estilo do Brasil, ir assim ganhando a terra aos inimigos, a quem o forte mais vizinho ficava em padraço, e os nossos povoadores e moradores por valhacouto, que assim se iam estendendo seguros, a agasalhavam mais a sua vontade.

Pelas quais razões se começou este forte, e casa de engenho d'el-rei Nosso Senhor com tanto fervor e trabalho do gentio, que todos andavam na obra aos dias, esmorecidos sobre o ouvidor-geral, por haver vindo nova do reino que vinha quem lhe sucedesse, ao que o nosso gentio não tinha paciência, e chorando dizia que não queriam outro ouvidor; mas nem isto, nem as ruínas novas, que no reino dele corriam, mandadas de cá por

seus imigos, tudo de inveja, lhe estorvava deixar de trabalhar, e continuar na obra, como que a fizera para si e seus filhos.

E assim se acabou este forte, que por acertar fazê-lo o dia de S. Sebastião, vindo da serra de caminho lhe puseram o seu nome, e se chama hoje o forte de S. Sebastião. Fez-se de cem palmos de vão, de muito grossas vigas, muito juntas, e forradas de entulho de cinco palmos de largo, e de nove de altura, donde pode pelejar a gente com o muro de fora, que é mais de vinte e dois em alto, de taipa dobrada, de mão muito forte e boa; e do alto vem o teto e telhado cobrindo o andaime, e casas que se fizeram à roda, para gasalhado da gente, muito boas, com duas grandes guaritas em revés, sobradadas, com sua artilharia, à qual o ouvidor-geral, além da d'el-rei, juntou quatro cães e sagres, que haviam tomado aos franceses, com o que, e com lhe ficar um postigo dentro na rede do Assento-de-Pássaro, cuja aldeia cercada e forte também ali situou, ficou tudo muito seguro, por a nossa artilharia varejar duas partes da cerca do gentio; e feita também uma torre no meio do forte com grandes portas para o Tiberi, com grandes ferrolhos e cadeados, e abertos os caminhos, e tudo acabado, como se Martim Leitão, ouvidor-geral, houvera ali de viver toda a sua vida, se partiu na segunda semana do mês de fevereiro para Pernambuco, já achacado de não sei quantas febres, que com o seu fervor, e incansável espírito havia passado em pé; e chegando a casa, se não levantou mais de uma cama os três meses seguintes; e não foi muito, com tantas calmas, chuvas, vigias, trabalhos e guerras; e sobre isso, em lugar de descansar, se pôs a trabalhar mais que jornaleiro, e as ruins águas do Capaoba, que aos que levavam vinho, que ele não bebe, empeceram, e não se poupar em nada, porque ele é muito de não dizer: Ide fazer; senão: Senhor, vamos, façamos.

Assim lhe fez Deus mercê como no mais, passar somente com maleitas; e eu, pelo que vi, e sei, digo que mais lhe sinto a má paga do reino a tantos e tão bons serviços, que todos os trabalhos de cá, porque já hoje importa de renda a el-rei cada ano o Paraíba quarenta mil cruzados só do contrato do pau-brasil, e muitas vezes lhe ouvi dizer que os trabalhos pelo serviço de Deus e d'el-rei eram seus verdadeiros gostos, mas que os maus galardões, e ingratidões secavam os ossos; e não será muito acontecer isto assim, porque neste reino, hospital é o verdadeiro registro dos homens de merecimento, e mais deste que sempre foi tão invejado!

Com isto acabarei aqui as guerras do Paraíba com seu dono; e praza a Deus daqui em diante suceda assim, ao mais assim ao conquistador, como ao Paraíba, que já hoje tem cinqüenta moradores casados portugueses, e outros tantos solteiros, postos todos lá à custa de Martim Leitão, como o também foram os fortes, que fez, porque em tudo isso se não gastou um real da fazenda de Sua Majestade, como claramente se pode ver, e consta dos livros da alfândega de Pernambuco, segundo lhe ouvi muitas vezes dizer, e o sei; por o que podemos sem falta afirmar que Martim Leitão deixou a capitania do Paraíba conquistada, com fortaleza, e guarnição, e acompanhada, e povoada de tanto número de gentio, como para ela desceu, que o ouvidor-geral soube granjear e adquirir, e conservar, com o que fica com mais gentio, e assim mais segura que todas as capitanias do Brasil, porque o verdadeiro sangue, e substância de se povoar, e sustentar o Brasil, é com o mesmo gentio da terra, ganhado por amizade, que sem ele não nos valeremos nunca contra os outros, e mais na capitania do Paraíba, situada entre os petiguares, que é o mor, e mais seguro guerreiro, e prático gentio do Brasil, tanto que só os petiguares são muito mais que todo o gentio, que há do Paraíba a S. Vicente, assim mui inteiros, e unidos, e conformes contra nós; pelo que aquela capitania depende hoje, e consiste na conservação daquele nosso gentio, que ao redor dela assentou, e vive, que em falta é muito doméstico aos brancos, e o ajuda muito em tudo, fazendo-lhes suas casas e mantimentos, e finalmente servindo-os como cativos.

Agora faltando o ouvidor-geral Martim Leitão, que tudo isto criou de novo, e que eles tinham por pai, assim no Paraíba, como em todo o Brasil, temo lhe façam alguns agravos, como já vimos noutras muitas capitanias, de que proceda alguma grande desventura, que somente daqui, segundo as cousas hoje estão, nela pode suceder; mas quererá Deus os conservem nesta paz e amor, com que os ali plantaram, para que tudo cresça de bem em melhor, e permaneça, como convém a seu serviço, aumento, quietação, e proveito seu, e das mais capitanias, que, como pelo discurso desta relação vimos, da conservação desta dependem.

Se as ocupações e obediência me deram lugar, fora muito mais largo, pois havia tanta matéria, mas dirá tudo com o seu estilo. Não tratei aqui de invenções curiosas, nem de elegâncias de palavras, que costumam dar lustro a cousas de pouco ser, por que não é esta minha profissão, nem

o intento, que neste particular tive; antes me pareceu melhor fazer esta relação chã, singela, e sucintamente, por pura obediência, como na verdade o fiz; e por esta razão me não estendi tão copiosamente a tratar de todas as obras e bons feitos do licenciado Martim Leitão, que é o todo, e a principal figura deste meu compêndio, porque as muitas da justiça, bom governo, ardis, e trances de guerra, e vitórias, que a tanto risco de sua vida ganhou, a publicam. Baste-lhe a ele nesta parte ter por pregoeiro de suas cousas toda a gente pobre do Brasil, de quem ele especialmente foi amigo, os quais com tanto proveito e segurança se logram agora, juntamente com a fazenda d'el-rei nosso senhor, dos trabalhos de Martim Leitão; e estes lhe escusam os engenhos sutis, e raras habilidades, que primeiro esgotariam, que pudessem dar cima a tanta cousa. Só isto direi; que se o mal, que nestas partes lhe tem feito a inveja, se ocupara em assoalhar no reino suas obras como o fazem publicar dele, e o infamar de muitas, que claramente nele não há, fora o mais ditoso homem do mundo.

Tenho acabado, e cumprido com o preceito da obediência: vossa paternidade me perdoe não lhe dar aqui conta das curiosidades desta terra, e dos animais, muitos, e diversos, e tão diferentes dos da Europa, como são: os pacas, que respondem às marrãs do reino; tatus, com forte concha por cima, com que se cobrem todos, e têm a carne singular como a de coelho, a que os portugueses chamam cavaleiros armados; nem dos bugios saguins, em especial os amarelos, que somente há no Rio de Janeiro, por morrerem com o frio, indo para Portugal: nunca se lá viram; nem das diversas castas de papagaios, tuins, e araras grandes, antas, veados, tigres pequenos, e outras mil sortes e várias espécies de animais; nem dos muitos gêneros de cobras, das quais as jibóias são tamanhas, que engolem um bezerro inteiro, e já se viram delas de noventa palmos de comprido; e as que chamam cobras de cascavel, porque trazem cascavéis naturais ao pescoço, e ao longe soam; aviso da natureza para fugirmos delas, porque são venenosas em extremo, e mordendo tiram logo a vista, e de cujas mordeduras poucos escapam com vida.

Deixo de dizer dos frutos da terra, em que a terra do Brasil é a mais liberal de todas as do mundo; pois planta qualquer pessoa em um dia cousa de que tira mantimento para um ano inteiro; e da infinidade e variedade das frutas, ananás, caju, maracujás, araticuns, todas agrestes, e em grandíssima cópia, e abastança, que é cousa infinita.

Nem trato do âmbar, que já este mar deu muito, e agora, por pecado dos homens, ou segredos de Deus, há anos que não dá senão muito pouco; ainda que a meu parecer é causa não haver tanto gentio, como antigamente, por os termos gastado, o qual vigiava as praias, e o colhia no inverno, e tormentas, com que o mar o expede de suas concavidades, ou árvores marinhas que dentro nele há, ou rochas, onde se cria, que este assim virgem antes que o comam, é o gris, que o mais, comido das baleias, ou bichos, porque toda cousa viva o come, é já muito somenos.

Nem das grandes virtudes do peixe destes mares, que é melhor, e o mais são do mundo; e assim sempre, sãos, e doentes comem antes no Brasil peixe que carne.

Nem falo da bondade da madeira, pau-santo de Pernambuco, jacará da Bahia, e capitancias do Sul, pau-amarelo que é somenos, e outros muitos; pois a gente portuguesa, por se afeiçoar mais do pau-brasil, sendo mais feio, dele, como já disse, deu nome à terra.

Nem das virtudes grandes do óleo de Capaoba para feridas, e corrimentos de frio milagroso.

Nem do verdadeiro bálsamo dos ilhéus do Espírito Santo, que é um dos maravilhosos, e suaves licores do descoberto; pois tratar do gentio da terra, que é o mais desumano e bárbaro, que hoje se sabe, de que basta por prova, engordarem os cativos para os comerem, e de outras muitas cousas desta terra, de que tendo, tempo e ocasião, em outra parte mais largamente tratarei, porque tudo isto há mister um grande volume por si.

Só relatei, neste breve compêndio, ao nosso modo, e por obediência o que passou na capitania do Paraíba, desde o tempo, que os reis de Portugal entenderam o que lhes importava, até o estado, ordem, e quietação, em que o ouvidor-geral, Martim Leitão a deixou; *sub correctione*, e ainda com muito medo, pedindo a vossa paternidade que, quando suceder mostrá-lo a alguns padres, sejam dos escolhidos.

Nosso Senhor, etc. etc.

FIM

E assim conclui esta interessante história da Conquista do Paraíba, do próprio punho de um membro da Companhia de Jesus; seguindo-se duas peças encomiásticas a Martim Leitão, escritas em verso latino.

.
Índice Onomástico

A

ABREU, Diogo d' – 93
ABREU, Gregório Lopes de – 30, 71, 79, 83
ALBUQUERQUE, Antônio de – 93
ALBUQUERQUE, Jorge de – 34
ALBUQUERQUE, Pedro de – 89, 91, 107
ALMEIDA, Bernardo Pimentel de – 28
ALMEIDA, Luís de Brito de – 15, 27
ALVES, Bartolomeu - 100
AMARAL, Francisco do – 57
ANDRADE, Simão de – 79
ÁRIAS, Diogo – 98
ASSENTO-DE-PÁSSARO – 90, 106,
109, 110
ATAÍDE, Gaspar Dias de – 53

B

BACELAR, Antônio Rodrigues – 24
BARBALHO, Antônio (capitão) – 47
BARBOSA, Frutuoso – 29, 30, 31, 35,
39, 40, 43, 58, 65
BARREIROS, Antônio (bispo) – 34
BARRETO, Álvaro Velho – 89
BARRETO, Francisco – 47, 50, 51, 54,
56, 58, 59
BARRETO, Manuel Teles – 32, 34, 40
BARROS, Baltasar de – 49
BARROS, Cristóvão de – 28
BASTARDO, Álvaro – 35
BRAÇO-DE-PEIXE – 46, 53, 54, 60,
65, 67, 68, 93, 106

C

CALDAS, Francisco de – 53
CAMELO, Jorge – 47
CARDIGO, Pedro - 47

CARDOSO, Simão Rodrigues (capitão)
– 30, 31
CARVALHO, Martim – 34, 40, 41, 46, 64,
CASTREJÓN, Francisco – 35, 39, 40, 63,
64, 65, 69, 87
CASTELA, Filipe de – 12
CAVALCANTI, Antônio – 55
CAVALCANTI, Cristóvão Pais d'Alter
– 49
CAVALCANTI, Filipe (capitão) – 35, 37,
38, 46, 49, 64, 89
CORREIA, Manuel – 90
COSTA, Manuel da – 100, 101

D

DIAS, Diogo – 27

F

FALCÃO, Simão (capitão) – 37, 47, 54,
58, 65, 67
FERNANDES, Ambrósio (capitão) – 47, 55
FERNANDES, Francisco – 77
FERNANDES, Heitor – 79, 100
FERNANDES, Manuel – 70
FERNANDO, o Católico (rei) – 13
FILIPE – Ver CAVALCANTI, Filipe (ca-
pitão)
FILIPE (rei) – 15, 30, 37
FLORES, Diego – Ver VALDEZ, Diego
Flores de (general)
FLORES, Diogo – Ver VALDEZ, Diego
Flores de (general)

G

GAMBOA, Pedro Sarmento de – 33, 40, 41
GOMES MARTINS – 79

120 Anônimo

GOMES, Duarte – 70, 78, 79, 81, 82, 91, 93, 94, 106
GOUVEIA, Cristóvão de – 12, 13, 15

H

HENRIQUE (rei) – 28, 29
HIPÓLITO, Misse – 97

L

LEITÃO, Antônio – 37
LEITÃO, Manuel – 50
LEITÃO, Martim – 12, 14, 15, 34, 35, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 50, 60, 63, 65, 67, 69, 74, 78, 83, 87, 88, 89, 91, 99, 100, 101, 106, 110, 111, 112, 113
LOPES, Baltasar – 90, 94, 98, 105,
LOPES, Pedro (capitão) – 44, 47, 58, 60, 63, 64, 71, 89, 97
LUÍS, Cristóvão – 71, 73, 85

M

MACEDO, Cosmo Rangel de – 28
MACHADO, Hierônimo – 53
MADEIRA, Francisco – 79
MORAIS, Gaspar Dias de – 44, 46
MORALES, Francisco de (capitão) – 87, 88,
MOURA, Filipe de (capitão) – 34

N

NUNES, Diogo – 99
NUNES, João – 64, 79
NUNES, Nicolau – 40

O

OLIVENÇA, Antônio Lopes de – 79, 81

P

PAIS – Ver PAIS, João (capitão)
PAIS, João (capitão) – 47, 58, 59, 60, 73
PAMPLONA, João Antônio – 79

PEREIRA, Francisco – 79, 93, 107

Q

QUEIXADA, João – 70, 93

R

RAPOSO, Antônio – 32
REGO, Antônio de Barros – 79, 83
REGO, João Velho – 47
RESENDE, Amaro de – 89
RIBEIRA, Diogo de la – 33
RIBEIRO, Miguel – 79
ROCHA, Tomé – 89
RODRIGUES, Simão – Ver CARDOSO, Simão Rodrigues (capitão)

S

SARMENTO – Ver GAMBOA, Pedro Sarmiento de
SARMENTO DE GAMBOA – Ver GAMBOA, Pedro Sarmiento de
SILVA, Fernão da – 27
SOARES, Fernão (capitão) – 47, 58
SOARES, Lopo – 89

T

TAVARES, João – 67, 68, 71, 73, 79, 84, 87, 91, 93, 99, 101,
TAVARES, Simão – 59, 93, 94
TELES, Manuel – Ver BARRETO, Manuel Teles

V

VALDEZ, Diego Flores de (general) – 18, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 43
VEIGA, Lourenço da – 28

História da Conquista da Paraíba (anônimo),
foi composto em Garamond, corpo 12/14, e impresso em papel vergê areia 85 g/m²,
nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações),
do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em outubro de 2010, de
acordo com o programa editorial e projeto gráfico do
Conselho Editorial do Senado Federal.

“Chamado por muitos de “a certidão de nascimento” da Paraíba, este volume é o primeiro registro mais consistente dos fatos que constituem a gênese da região. Nele, o autor não apenas relata sua vivência do que presenciou, mas também o que apurou em investigações junto a fontes orais e escritas, além do que pesquisou em livros e documentos.

Maciel Pinheiro, ilustre paraibano de São João do Cariri, jornalista, historiador, autor de livros sobre o *Linguajar Nordestino* e *A cidade do Rio de Janeiro no século XVI*, foi quem forneceu a fotocópia das páginas do periódico *Íris* para a publicação efetuada no Triênio do Quarto Centenário da Fundação da Paraíba, pela editora Universitária da Fundação Regional do Nordeste, de 1983, em que esta edição se baseia.

Um livro fundamental para a reconstituição da grande História da Paraíba, estado de passado heróico que deu significativa contribuição para a formação de nossa nacionalidade.

